

# AUTORES & LIVROS

Ano IX  
1-5-1949

**Director e redator: MUCIO LEÃO.**  
**Gerente: LEONARDO MARQUES.**  
**Secretário: SERGIO R. VELLOZO.**  
**PREÇO — Cr\$ 2,00.**

N.º 1  
Vol. X

## NOTICIA SOBRE ANTONIO DE SA

Nasceu no Rio de Janeiro em 28 de julho de 1820. Estudou no Colégio dos Jesuítas da mesma cidade, e aí tomou a roupa de teologia e de diversas outras matérias do curso.

Festejou em Portugal, onde foi pregador de Sua Magestade. Visitou Roma e ali foi secretário geral dos jesuítas. Desgostoso de Portugal, regressou ao Brasil, indo primeiramente para a Bahia. Prescou depois ao Rio de Janeiro, e aqui faleceu em 1 de janeiro de 1873.

Antonio de Sá foi dado, em seu tempo, como o melhor dos discípulos de Vieira. Quando pregador de S. M. em Lisboa, davam-lhe o título de príncipe dos oradores — reservando-se, naturalmente o título de rei desse gênero literário para o Padre Vieira, aquele a quem Rui Barbosa chamava o Mestre. O Grande Ronald de Carvalho julgava-o com extrema severidade: "Os contemporâneos combataram-no a Vieira, considerando-o o Cristo do português. Nada há, entretanto, nos seus sermões, que justifique tal comparação ou alcunha. Antonio de Sá era rebuscado, precioso e gongórico, do peor gongorismo. Sua cultura, como a de quase todos os jesuítas, era falha, mais retórica do que científica, mais empolada do que substantiva". Não é esta, porém, a impressão de J. L. Campos, o estudioso a quem Laudelino Freire, ao publicar o volume dedicado a Antonio de Sá em sua coleção da "Estante Clássica", encarregou do trabalho de seleção e comentário dos textos. Campos, em seu estudo introdutório sobre o padre Sá, lembra aquele trecho da famosa comparação entre Vieira e Bernardes, traçada por Castilho. Comparando os dois, dizia Castilho que Vieira, ainda falando de Deus, tinha os olhos nos ouvintes; Bernardes, ainda falando das criaturas, estava absorto no criador. Cita o professor Campos, esta passagem, e diz: "Antonio de Sá é magnífico intermediário entre esses dois grandes homens, triplicemente seus irmãos pela natureza humana, pelo ministério que professaram e pela linguagem que magistralmente apropriaram. Na leitura dos seus sermões percebe-se que Antonio de Sá, embora falando dos homens, embora referindo-se ao Criador, tinha simultaneamente os olhos em Deus e nos ouvintes".

Ardenente e apaixonado, alcançando as alturas sublimas, Antonio de Sá ficou como um dos modelos mais acabados da oratória sagrada do Brasil. E a verdade é

que algumas de suas páginas — o seu "Sermão das Cinzas", por exemplo — poderiam figurar na coleção dos sermões de Vieira, ou nas meditações religiosas e morais de Bernardes.

Antonio de Sá publicou em vida vários sermões, além da "Oração fúnebre", pronunciada nas exequias da rainha de Portugal D. Luíza Francisca de Gusmão, que faleceu em 1666. Esses sermões (alguns dos quais foram reimpressos) são os seguintes:

— Sermão que pregou à Justiça na Bahia, na Santa Sé da mesma cidade, na primeira oitava do Espírito Santo — Lisboa, Of. de Henrique Valente de Oliveira — 1658 — 4.ª ed. — Coimbra, 1872. 21 ps. — in 4.º.

3.ª ed. — Coimbra — Of. de Manoel Rodrigues d'Almeida — 1886.  
4.ª ed. — Reproduzida em "fac-símile" da 3.ª edição na "Estante Clássica da Revista da Língua Portuguesa", por Laudelino Freire — Rio de Janeiro, 1924.

— De venerabile patre Joannes de Almeida oratio — Lisboa, 1658 — Saiu na obra sobre a vida deste padre.

— Sermão pregado no dia em que Sua Magestade fez anos, em 21 de agosto de 1653 — Coimbra, of. de Manoel de Carvalho, 1863 — 4.º.

— Sermão no dia de cinza, na Capela Real — Lisboa, of. de João da Costa — 1669 — 4.º.

2.ª ed. — Coimbra, of. de Rodrigo de Carvalho Coutinho — 1673 — 23 ps.

3.ª ed. — (fac-símile da 2.ª) na "Estante Clássica" organizada por Laudelino Freire — Rio de Janeiro, 1924.

O Conego J. C. Fernandes Pinheiro transcreveu um trecho desse sermão, no "Curso de Literatura", considerando-o como rival dos melhores trechos dos de Antonio Vieira.

— Sermão na primeira sexta-feira da quaresma, na freguesia de S. Julião — Lisboa, of. da João da Costa, 1674, in 4.º.

Dele há transcrição de uma parte feita por Fernandes Pinheiro na obra aludida.

— Sermão dos Passos — que pregou ao recolher a procissão — Lisboa — of. de João da Costa — 1675 — in 4.º.

2.ª ed. — Coimbra, of. Joseph Ferreira — 1689 — 18 ps.

3.ª ed. — (fac-símile da 2.ª) — na "Estante Clássica", organizada por Laudelino Freire — Rio de Janeiro, 1924.

Fernandes Pinheiro dele

transcreve um trecho como modelo de prosopopeia.

— Sermão da Conceição da Virgem Maria — na Igreja matriz do Recife de Pernambuco — Coimbra of. de Joseph Ferreira — 1875 — 16 ps. — in 4.º.

2.ª ed. — (fac-símile da 1.ª) na "Estante Clássica" — Rio, 1924.

— Sermão da 4.ª dominica de quaresma — na capela real, em 1660 — Coimbra, Joseph Ferreira — 1875 — in 4.º.

— Sermão de S. Tomé — apóstolo, na capela real — Lisboa, of. de Antonio Rodrigues de Abreu — 1674, in 4.º.

— Sermão do glorioso São Joseph, esposo da Mãe de Deus — Coimbra, of. de José Ferreira, 1875 — in 4.º.

2.ª ed. — Coimbra, of. João Antunes — 1692. 26 ps. — in 4.º.

3.ª ed. — (Fac-símile da 2.ª) na "Estante Clássica". Rio de Janeiro, 1924.

— Sermão de S. das Maravilhas, pregado na Sé da Bahia, em 1660 — Lisboa, of. Manuel Fernandes da Costa — 1732 (publicação postuma).

— Oração Fúnebre — nas exequias da sereníssima rainha de Portugal, D. Luíza Francisca de Gusmão, em 1666 — Lisboa, of. de Miguel Rodrigues — 1739 — in 4.º (postuma).

— Sermões vários do padre Antonio de Sá, da Companhia de Jesus — Lisboa, of. de Miguel Rodrigues — 1750 — 4.º de XIV — 312 ps. Encerra o volume os sermões completos, inclusive cinco referentes à quaresma, os quais foram incluídos pelo editor Domingos Carneiro, sem o nome do autor, nos "Sermões do Bispo de Martirya" — D. Fr. Cristóvão de Almeida — Lisboa, 1680.

São raros os exemplares dos "Sermões Vários", porque grande parte da edição foi destruída pelo terremoto de 1755, na loja do editor.

No prólogo indica Manoel da Conceição como os cinco sermões foram incluídos na obra do Bispo de Martirya.

Blake faz menção de alguns manuscritos inéditos deste autor, os quais, segundo Bento Farinha, se achavam em Tibães.

— Memórias dos Martírios do Salvador e de S. Claudio.

Em conjunto, suas obras tiveram as seguintes edições:

— Sermões vários — do Padre Antonio de Sá da Companhia de Jesus — Lisboa — por Miguel Rodrigues — 1730 — 4.º de XIV — 312 ps.

Saiu este livro, Informa Inocência, por indústria do

(Continua na página 96)

# SERMÃO

DO  
GLORIOSO  
SÃO JOSEPH  
ESPOSO

DA  
MÃE DE DEOS,  
QUE PREGOU

M. R. P. ANTONIO DE SAA  
Da Companhia de Jesu.

Oferecido.  
AO PRÆCLARISSIMO, E NOBILISSIMO SENHOR  
ALEXANDRE DO VALLE  
CIDADAM DE BRAGA, &c.

EM COIMBRA.

Com todas as licenças necessárias.

Na officina de JOAM ANTUNES Anno de 1691.

Página de rosto do Sermão de São José de Antonio de Sá

## SUMARIO

PAGINA 85:	nário Bio-Bibliográfico Brasileiro.
— Noticia sobre Antonio de Sá.	PAGINAS 92 E 93:
— Em defesa de Ouro Preto.	— A Vida dos Livros.
— Nota sobre Autores e Livros.	Resposta a uma critica a propósito da edição das Poemas Completas de Raimundo Correia, por Mucio Leão.
PAGINAS 86 E 87:	PAGINAS 94 E 95:
— Sermão da Conceição da Virgem Maria Nossa Senhora, por Antonio de Sá.	— Página dos Autores Novos. XXVII Letícia de Figueiredo.
PAGINAS 88, 89 E 90:	— João Bruno Lobo (nota).
— Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea — Antologia de Prosa. XXVIII. Josue Montello.	PAGINA 96:
PAGINA 91:	— Um grande escritor esquecido.
— Verbetes para o Dicionário	— Um curioso documento.
	— Album de Guimaraes n.º 13 — Serra do Mar (Itatiaia).

## EM DEFESA DE OURO PRETO

Um apelo do Diretor do Patrimonio Historico e Artístico Nacional

A cidade de Ouro Preto, a mais bela jóia do nosso patrimonio histórico e artístico, está se desmoronando. Com as últimas chuvas foi destruído grande número de suas casas, que eram verdadeiras preciosidades históricas.

Rodrigo Mello Franco de Andrade, diretor do Serviço do Patrimonio Histórico e Artístico Nacional, vem há anos lutando contra essa destruição. Várias casas da tradicional cidade mineira têm tido suas paredes reforçadas, outras conservam unicamente a fachada para manterem a Ouro Preto o seu curioso aspecto do século XVIII; outras, infelizmente, tiveram que ceder à força do Tempo.

Acontece, porém, que a verba com que o Serviço do Patrimonio conta não é suficiente para assegurar uma conservação constante e duradoura. Dirige-se, portanto, o Diretor do Serviço do Patrimonio Histórico e Artístico Nacional a todos os amigos de Ouro Preto, aqueles que admiram a linda cidade, seja pelo seu valor histórico, seja pela sua beleza e pela sua poesia; dirige-se a todos os que amam Ouro Preto, exor-

## NOTA SOBRE AUTORES E LIVROS

Com este número, passamos a dar AUTORES E LIVROS como publicação mensal. O leitor compreende facilmente que: em uma terra e em uma época de tanto desinteresse pelas coisas da cultura, como é o Brasil e como é o nosso tempo, só com verdadeiro heroísmo podíamos nós vir atendendo ao compromisso de dar a nossa publicação em ritmo quinzenal.

Já agora tornando-se esse sacrifício cada vez mais penoso, resolvemos passar a nossa revista a uma publicação mensal. Ficam salvados os interesses dos assinantes.

Falls elle com o Eterno Verbo; & dis assim: *Ex vtero ante luciferum genui*; no mais secreto da eternidade vos gerei do ventre: que quer dizer vos gerei do ventre? o Eterno Pay gera o Eterno Verbo pelo entendimento; pois, porque não diz: *ex mente*, vos gerei do entendimento; senão: *ex vtero*, vos gerei do ventre? porque falla do ventre de Maria, de cujo concurso objectivo, em quanto ao eterno se representa a seu entendimento, gerou o Verbo: Tinha o Eterno Pay aos olhos a maternidade desta Senhora para com Christo, & do conhecimento dessa maternidade, produziu a seu Eterno Filho. Logo já então Maria exercitava de algum modo o officio de mãe, para com o Verbo, pois concebia a maternidade de MARIA para a produção do Verbo; logo não tem Maria principio de sua maternidade, porque tanto que foi predestinada, para ser, que foi ab eterno, logo foi mãe, & tinto se me não engana a fundão aquella celebre admiração dos Anjos: *Quae est ista quae progreditur*, dizem elles, *electa ut sis?* Quem de casa que sabe escolhida como o Sol se consultarmos a S. Cyrillo Alexandrino, & a Santo Athanasio, acharemos, que este Sol he o Eterno Pay, *Sol Pater*



# SERMÃO DA CONCEIÇÃO DA VIRGEM MARIA NOSSA SENHORA

## ANTONIO DE SA

tem tinha cuidado nisto quando no terceiro final, vio quebrada a ley, roto o pacto peculiar Adão, perder a graça o pay, príncipe della os filhos, & ficar alheios todos. Doube o dano comum, a quebra de hua imagem, que formou com tanto cuidado, & mais amoroso quando offendido, entra no quarto final, & diz así, pois que hade de perder também, como o Anjo, os homens? Será eterna sua ruína? nam hei de tomar criatura intellectual nas mãos, que nam se me caya dellas? ora seja hum de nós outros homens; & tomemos satisfação no homem nós outros mesmos; acceitamos o Filho sobre sy o humanar-se, & morrer em huma Cruz, para sua satisfação, & nosso remedio. Pois de quem tomara carne? & vai o quinto final) quem lhe daremos por mny? Criemos a Maria com as excellencias, q se requerem para ser mny de Deos. Até aqui a Theologia. Advertistes bem na ordem, com que procede na materia? Pois para descobrirmos nella o que buscamos, pergunto eu agora; em que sinal determinou Deos a existencia de Maria no primeiro em que determinou a existencia de todos os homens, que havia de haer no mundo, ou no quinto em que buscou mny para Christo? No quinto, em q buscou mny para Christo, determinou Deos a existencia de Maria; logo (faço esta illação valente) logo se Maria não ouvesse de ser mny, não ouvera de ser Maria; não ha que tergiversar, porque se a existencia de Maria nam foi preuista no primeiro final, onde se preuio a existencia dos outros filhos de Adam, senão no quinto onde foi predestinada para mny de Deos, só para ser mny recebe Maria o ser; quem nam se preuio existente, senão quando se determinou para mny, só para haer de ser mny existe; nisto está o melhor dos Doutores, & melhor que todos a mesma Senhora.

Ouella no segundo dos Cantares: Ego dilecti meo; eu sou toda para Deos. Nota, que nam diz Ego dilecti mei, senão, Ego dilecti meo; eu sou para Deos; & que mysterio mais tem ser para Deos do que ser de Deos?

tem muito mysterio; ser de Deos, he mostrar que recebe delle, o ser; ser para Deos, he indnuar que recebe o ser para elle; & como esta Senhora sabia, que se lhe dera o ser só para ser mny de Deos, por isso, nam diz: Ego dilecti mei, senão Ego dilecti meo; que he para Deos. Pois se Maria nam se concebe para que Ioachim, & Anna tãhuão filha, senão somente para que Deos tenha mny; que tem esta Senhora com Sathânas? que tem com o pacto de Adam; como pode sentir o contagio da natureza, aquella que nam havia de existir creatura, senão ouvesse, de ser homem o Creador? Porque embora em Adam os outros, que existem por amor da natureza, que existem por amor de Adam, Mas Maria que só he por amor de Deos, porque lhe nam falte mny, porque ha de contrahir macha Maria? Tiueza esta Senhora grande razão de queixa contra Deos se a nam izentara de culpa. Que nam se me de o ser por amor de mim, senão por amor de Deos, & que el de incorrer em peccado, como os outros, que nam para sy? que nam exista para que meus pays tenham filha, senão para que Christo tenha mny, & que hei de partellar a macha de meus pays? Vede se a podia fundar com razão, & julgai se era razão que Deos lhe desse motivo para a fundar.

Temos visto como assi em calar a Conceição, como também em calar os pays, atendo o Evangelista, a estabelecer a pureza singular de Maria, mas onde mais, que tudo a corroborou, foi no filho, que lhe deu; de qua natus est Iesus. Mny de Deos, & peccado? nam pode ser; ou nam me ha de por culpa no filho, ou nam me ha de por culpa na mny. Vars chamou Isaias a Maria, vara fructu he Christo: Egredivit virga de radice Iesse. Vereis hua arvore, q escondida ao principio nas entranhas da terra, recebe pellos mecos occultos das raizes o succo vital, com que aletada rompe o carcere, & sae posto q humilde a luz; logo se levanta presumida em vara, & engrossando cada dia no tronco despreza sua verde pompa, lança vistosos ramos,

estende copados braços, & já parece frondoso gigante de bosque, a que pouco ha era humilde competeela da telua; finalmente vigroua já contra as asperzas do Inverno, a benéfico do verão, & ardores do estio, abre toda em flores, & se desentranha em frutos toda. E donde ve a vida deste fructo? dde o alete; donde os augmentos? Não ha duvida, q da raíz, porque se lhe viclars esta, murchará logo o fructo; logo tudo o que he o fructo se deve attribuir à raíz? Claro está. Ide agora comigo, Christo chamae fructo de Maria, a raíz deste fructo he o ventre da Senhora a raíz deste ventre he sua Conceição: pois se o fructo vive da flor, se a flor do ramo, se o ramo da vara, se a vara do tronco, se o tronco da raíz, desas raiz vem a viver o fructo; haasi? Pois ou nam cumo vicio na raíz, ou ha vicio no fructo; & se nam ha no fructo vicio, nam ha que presumir vicio na raíz. Fructo tam perfeito, & puro, com raiz viclada, & corrupta, he impoestible: que da raíz depende a vida do tronco, da do tronco a da vara, da da vara a do ramo, do do ramo, da da flor, & da da flor a do fructo, & consequentemente não viera o fructo se estuera morta a raíz.

Bem estaua isso, dirá alguem, se o fructo não fora Deos, se Christo fora somente homem, bem se provoua, que ou Maria nam tinha culpa, ou que Christo também a tinha, porque sendo do puro homem, nam avia de nacer puro de hua mny impura: porem como Christo he juntamente Deos, não parece que se deduz bem, q ou nelle ha de aver macula, ou nam ouve macula em Maria; porque como Deos, ainda que na mny ouvesse fallas, nam podia aver fallas nelle. Ora está estremadamente replicado, & ainda que pudera com Agostinho sustentar sem escandalo do fã, que se manchava o filho, se acuso a mny se manchava; Si potuit inquinare, cum eam fecerit, potuit inquinari, cum ex ea nasceretur: deixo isso, & digo, que ainda que em Christo nam ouvessem de cahir realidades de culpa, se contrahira Maria; pelo menos auhiam de sair as apparencias, auhiam o desluzir as sombras, ainda que nam a fesse o do-lito.

He cousa celebre na escriptura compararse a Encarnação do Verbo ao orvalho: no Deuteronomio: Fiat vis ros. Segundum meum: nos julza: Si ros in solo vellere fuerit: em Isaias: Rorate coeli de super: Considera agora a propriedade do orvalho: cahé hua gota de orvalho em hua encarnada rosa, & parece encarnado: cahé em hum roxo cravo, & parece roxo: cahé em hua preta violeta, & parece preto: de sorte que o orvalho toma as cores, & resultancias da cousa, em q cahé: Dece o Verbo a encarnar em Maria, como orvalho: que se segue? q se Maria estuera afecida com peccado, parece q auhiam de resultar as apparencias no Verbo: & se no Verbo nam ha apparencias de culpa, he sinal, que hume ouve delito em Maria. Bemdito seja! de Deos meu, que quizesse decer, como orvalho, para que nam se deluzia em vós sobre esta culpa, não presumiste nossa malicia defeitos nella.

Nem só importou a pureza de Maria; para o credito da pureza de Christo, senão também para abono de sua diuidade: Se Christo deixara incorrer a Maria na macha original, pudera duvidar (abstrahindo da luz da fee) se era Deos: mas se a izentou da original macha, não ha senão confessar q he Deos Christo: & isso por-

que? porque a culpa deviasse à natureza humana de Maria, & röpér Christo por esse foro da natureza, he sinal irrefragavel de sua diuidade.

Constitue o Senhor a Moysés Deos de Pharaon: Constitue Deum Pharaonem: & que insignia vos parcos que lhe dá, para se dar a conhecer por Deos hua vara: Virgam hanc suame in manu tua. Ha tal certo para tal grandeza? hua vara ha de ser a insignia da diuidade? Sim: não ha essa vara de endurecer os mares, enasguentar os rios, alterar os elementos? Pois essa he a q convem para diuisa da diuidade de Moysés, que etropellar as leys da natureza, he prova valente de hum ser diuino; pois se em izentar a Maria do peccado, estabelecia Christo os creditos de Deos, se a preseruação da mny, de algum modo, era interesse da pureza do filho, quem se ha de persuadir, que o filho não refraria o impeto da culpa na mny? Sy refreou, fies, sy refreou. Não o ouvis nas vobas de Canã? Reconhece Maria que hia faltando o vinho aos convidados, a duerte a Christo do caso, & responde o Senhor: Quid mihi, & tibi est mulier? Mulher, & que vos vai a vós, & a mim isso? parecemos muita sequida a resposta. Pois entendi que foi mysterio. O vinho ainda nam tinha faltado, hia a faltar, que isso he: deficiente vino: a isso diz Christo, Quid mihi & tibi est mulier? Que vos vai, Maria, a vós, nem a mim nisso? Faltas incorridas, danos já feitos, he fauor, & milagre, que me toca para os outros: preudicis os danos, que ameaças, escusar as faltas, que vós, antes de chegar, isso he gloria, que eu reseruo só para vós: deizai que se incorra a falta, que eu a remedearei depois que chegar, isso foi só com vós, porque ambos hiamos interessados nisso, vós por mny, & eu por filho. Quid mihi, & tibi est mulier? se por tantos principios, como temos discursado, se consente que se concebe Maria sem fallas, porque temem alguma, que fosse assí? Porque he pençam inequavel dos descendentes de Adam, que recebem o ser com macha, ha de aver quem recece confessar, que o recebeu sem macha Maria? O nam aja tal receo no mundo, nam queriamos medir a Maria por nós, pois Deos a mede por sy.

Publica esta Senhora as grandezas que Deos nella obrára, & diz así: Fecit mihi magna qui potens est? Fex em mim cousas grandes o que he potente: Repara! que he estremo reparo, & poderá ser que novo: Repara! que nam diz, qui omnipotens est? O que he omnipotente? que vai? Dai com vós na Theologia, perguntai aos Thomases, aos Soares, aos Vasquez, & ás melhores cadeiras das Vniuersidades, que distinguem ha entre potentes, & omnipotentes em Deos? Responderão:ham, que potente se diz o pay; o Filho, por ordem a gerar o Filho; & o Pay, & Filho, por ordem a produzir o Espirito Santo; & que omnipotente se diz toda a Trindade, por ordem a fazer as creaturas: de sorte que o potencia em Deos respecta a produção das pessoas ad intra; & omnipotencia respecta a produção das cousas ad extra; tendes alcançado a differença notavel, q vai de potencia, a omnipotencia, que esta he para cousas criadas, & aquella para pessoas diuinas? Torna! agora a propozição de Maria: Fecit mihi magna, qui potens est: fex em mim cousas grandes, o que he potente. Vlhate Deos por Maria? se o termo da potencia em Deos nam pessoas diuinas, & as creaturas sam

sómente terminas da omnipotencia, como não dizeis, que he Deos contiguo omnipotente, sem potente? Qd potens est? Es pessoas diuinas, ou es pessoas humanas? para que he deter mais Fies? Pessoa humana he Maria mas tal pessoa humana, que parece que a toda Deos como pessoas diuinas. Tanto a singularizou entre todas as creaturas, que não parece que mediu suas perfeições pela omnipotencia, como que obra ad extra, senão pela potencia, que produz ad intra. Pois se Deos regula pety a Maria, como a queremos regular por nós? Confessemos ingenuamente, deutos, não só que Maria nam padecera queda, mas nem riscu; nam só dano; mas nem contingencia, nam só infortunio, mas sem accident; nam só ruína, mas nem perigo. Assí fazemos, Santissima Senhora, todos julgamos, que nam tuiste em vossa Colocação desdouro, mas que recebestes o ser immaculado; que não admitteis culpa, mas que respicastes sancta; q não vos aluciamos temores, mas v legastes seguranças: que nos fozes ill despozo de Sathân, mas despozo soberano da graça, qis alcança o cyplo de vossa gloria, em primeiro lugar, para quem tam grandiosamente festeja os candores puros de vossa maculadada, & despois para nós todos, para que hures por um lado de nossas culpas, não para (tambem) livrar de nossas penas sua gloria: Quam mihi, & tibi preestaret dignetur &c.

(Apud Istante Clássico, vol. XII).

### O HOMEM E O CRISTO

Entre todas as coisas do mundo que nos olhos veem, ou noscos entendimentos alcançam, o maior milagre, e o mais notável, é verdadeiramente o homem: oriente do céu e da terra, contornado da eternidade e do tempo, vinculo do Creador e da creatura, na vida semelhante ás plantas, no sentido igual res animais, no entendimento comprehensor dos anjos, na magestade quase um segundo Deos composto de duas naturezas, tão diversas e tão adversas como o, o espirito e a carne, mas qual uma celestial e outra terrena, uma é caduca e a outra imortal, uma é a imagem de Deus e a outra semelhança dos brutos; o espirito o faz pio, a carne o faz impio; o espirito o levanta ao céu, a carne o abate ao inferno; o espirito o reforma em Deus, a carne o transforma em animal; ha maior milagre do que o homem? Foi alma há outro maior milagre. A unica admiração, a maravilha unica entre todos os homens é o cristão verdadeiro: é felicissimo porque espera em premio a fé, é infelicissimo porque está em desterro na terra; é fortissimo porque vence ao demônio, é fraquissimo porque as vezes o vence a carne; é animosissimo porque não teme a morte, é pacificissimo porque o afflige a vida; é nobilissimo porque é irmão de Cristo, é vilissimo porque é fábulo do mundo; é prudentissimo porque sabe o caminho da salvação; é fidelissimo porque crê e não vê; é todo solto porque nunca ama o descance, é todo despendido porque se deixa reger em tudo do Cristo, padecer continuas

(Continua na página 91)

# SERMÃO DA CONCEIÇÃO DA VIRGEM MARIA NOSSA SENHORA,



QUE PREGOV  
O R. PADRE ANTONIO DE SAA  
DA  
COMPANHIA DE IESV.

NA  
IGREJA MATRIZ DO RECIFE DE PERNAMBUCO  
Anno de 1678.

EM COIMBRA

Com todas as licenças necessarias.

Na Officina de JOSEPH FERREYRA: ANNO 1673.

Sermão da Conceição da Virgem Maria Nossa Senhora  
(Página de rosto)

# ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

## ANTOLOGIA DA PROSA — XXVIII JOSUE' MONTELO



Josué Montello

### JOSUE' MONTELO

Josué Montello nasceu em S. Luiz do Maranhão a 21 de agosto de 1917. Estudou-se no jornalismo em 1935, em sua cidade natal. Atuou depois nos principais diários e revistas de Belém do Pará. Desde 1937 trabalha na imprensa do Rio, tendo sido crítico literário do "Dom Casmurro". Foi o princípio técnico de Educação no Rio de Janeiro. Entrou para o corpo de funcionários da Biblioteca Nacional, sendo, com a reforma de 1945, o diretor dos cursos do estabelecimento. Em 1948 foi nomeado diretor desse importante departamento administrativo. Tem colaborado em vários jornais cariocas, entre os quais se conta AUTORES E LIVROS.

#### Escreveu:

— Janelas fechadas — romance — Pongetti — Rio, 1941 — 281 ps.  
— Problemas educativos na arte dramática.  
— Gonçalves Dias. Ensaio bio-bibliográfico. 1942. Publicações da Academia Brasileira. Rio de Janeiro.  
In-8.º. (142x81), de 177 ps. e 11, ins. de "Indicações Bibliográficas complementares" e "Índice". Com 6 fotografias no texto.

— História da vida literária — Nosso Livro Editora — 1944.

Este livro obteve o Prêmio Silvio Romero da Academia B. de Letras.

— Os Holandeses no Maranhão (Dominio holandês no Brasil). Ministério da Educação e Saúde. Serviço de Documentação (Rio de Janeiro), 1946. — Imprensa Nacional, 28 ps.

— Problemas da Biblioteca Nacional — Imprensa Nacional, Rio, 1948, 23 ps. É o discurso, por ocasião da sua posse na Diretoria da Biblioteca Nacional.

— A Luz da Estrela Morta. — Romance. Capa de Santa Rosa. Livraria José

Olimpia Editora. Rio de Janeiro, 1948. 314 ps.

— Thersmin, Carlos Guilherme — Sandades do Rio de Janeiro — Biblioteca Nacional — Divisão de Obras Raras — Ministério da Educação e Saúde. — Rio, 1949.

É um precioso album, agora encontrado por Josué Montello, que para ele, como prefácio, escreveu interessante estudo.

— História de "O Mulateiro" — Autores e Livros, vol. 2.º — p. 174.

— O Problema da Identificação na "Lira Acadiana" — idem, idem, p. 241.

### ALGUMAS FONTES SOBRE JOSUE' MONTELO

— Autores e Livros — A Luz da Estrela Morta (vol. 2.º, p. 178).

— Problemas da Biblioteca Nacional (idem, p. 97).

— Carpeaux, Otto Maria A Manhã (do Rio). — E sobre A Luz da estrela morta.

— Dantas, Raimundo Souza — Momento com J. M. — Flanalto (1-10-941).

— Lins, Alvaro — "Correio da Manhã" (29-8-942).

— Orico, Osvaldo. — Rev. da Academia, vol. 61, p. 512.

### NOTA A ANTOLOGIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Organizamos a seleção antológica de Josué Montello, transcrevendo três capítulos de seu romance — A Luz da Estrela Morta. Escolhemos os capítulos de abertura e encerramento e o capítulo X, no qual a loucura de Eduardo parece que se acha acentuada em cores especialmente enuncadas. Fazendo essa escolha de trabalhos sobre um único livro, tivemos em mira chamar a atenção do leitor para esse belo e forte romance de Josué Montello — um dos mais fortes, um dos mais belos, sem dúvida nenhuma, ainda publicados por autor brasileiro.

Bem ao centro da parede, ladeado por duas estantes de mogno, na sala que servia de escritório a Eduardo, perfilava-se, em pesada caixa de metal trabalhada com arte, o velho relógio de bronze que vibria do tempo distante de seu avô.

Várias gerações haviam desfilado diante dele, com suas angústias, seus risos, seus crimes e suas lágrimas, e o belo e austero relógio, com o porte ereto de uma palmeira centenária, continuava a marcar meticulosamente o tempo, à luz do dia ou no silêncio da noite, sempre a girar no mostrador de negros números esguos as duas agulhas de seus ponteiros de prata.

Jamais conhecera a fadiga. Nunca silenciara o rumor monótono e musical de sua máquina perfeita. E permanecia impávido, como essas árvores de que ninguém pode precisar a idade, numa soberba indiferença pelos calendários que se sucediam, constantemente enchendo a sala com a leve pancada dos segundos ou ecoando a toada certa das horas numa sonoridade de carrilhões.

A origem daquele relógio parecia perder-se no longo do tempo que ele mesmo contava sem pausas ou distrações.

Sabia-se apenas que chegara à posse dos antepassados de Eduardo, trazido em companhia de um plano de cauda e um espelho de cristal que se partira antes de alcançar o novo domicílio. O plano passara a outras mãos, após a morte generosa do tio Zuzu. Ficara o relógio, imponente, majestoso, a manter imperturbavelmente seu porte senhoril através das idades, como se houvesse nascido com a predestinação de marcar, na mesma impassibilidade, o momento da morte no último homem.

Eduardo o recordava por lembrança, dias depois da morte repentina do avô, havia mais de quarenta anos.

Era ainda o relógio que assistia à morte da pavana e ao esplendor da véspera que contava o tempo para senhores e escravos.

Na exiguidade daquela sala, assim belo e impressionante dir-se-ia um monarca exilado que não se despojava da majestade com a perda do trono.

Várias vezes a morte armara seus alaudes de frente da pendula infatigável e refletira a tocha dolorosa dos cirios no espelho da alta caixa de bronze.

Quem o via ao menos umas vezes jamais o tirava da memória. As orelhas adiantavam-se para receber-lhe a sonoridade, as retinas distendiam-se ao surpreender-lhe a imagem, os dedos não se continham e logo lhe alagavam a fria cabeça de metal.

Ao mais leve contacto detraíam o bronze retiniam, em protesto, sem alterar no entanto o seu ofício de inflexível pregoeiro das horas inevitáveis, que nasciam e morriam obedecendo ao balancete de sua pendula de prata.

O estojo de metal, de sólida coluna insculpida de pequenas figuras de deuses pagãos, repousava em polido pedestal retangular de mármore negro.

A frente, rasgava-se a guardião de vidro, que servia de mostrador à pendula — e enorme pendula que se alargava à extremidade inferior, com um belo rosto de mulher lavorado em relevo.

A cabeça dir-se-ia a estilização de uma cabeleira posada do século XVIII: o metal cavava-se por cima do mostrador das horas e parecia derramar-se em bandos, para um e outro lado, até confundir-se, adomado e liso, com o bronze compacto da base da coluna.

Tudo esse conjunto, como se fora misteriosa estátua falante, revelava a pulsação da vida no baloiço da pendula, na centagem dos segundos ou na toada musical das horas, que ressoavam, em voz baixa no correr do dia e mais forte dentro da noite, com um timbre de imponente — a imponente que lhe emprestava o relógio.

Certa manhã, aparentemente sem motivo, a máquina admirável, que nunca sofrera conserto, deu a impressão de ter sido ferida por um colapso, subitamente interrompendo a contagem do tempo e mergulhando em silêncio.

Logo os ponteiros estacaram, um próximo ao número nove, o outro sobre o número quatro, ambos hirtos, duros, paralíticos, alongados em compasso.

Sem a cantiga dos segundos, a pendula de prata entrou a diminuir o seu eterno baloiço invariável, oscilou lentamente, lentamente diminuiu de amplitude — e parou como um fio a prumo, numa imobilidade de enforcado.

### CAPÍTULO X

O pano de boca estava suspenso. Viam-se as cadeiras da plateia, as divisões de frisas e camarotes. Por traz do palco, à direita e à esquerda, perfilava-se um renque de camarins. Um deles entreaberto e iluminado: a luz esguiceira, fura, o seu claro amarelado nas tábuas do chão. Lá ao fundo, bem distante, quase diluído na sombra, um marcenheiro serrava pedaços de madeira, para compor o cenário da peça que estava sendo ensaiada.

Ao centro do palco, por baixo de uma lâmpada suspensa de um fio, Tiberio vergava a espinha, a cabeça voltada para o original datilografado; a mão direita segurava um lápis preto, as sobranceiras frainhas, escorregadas, com um vinco na fronte baixa.

Uma atriz gorda e idosa, de cabelos despenhados, achava-se de pé, de frente do velho.

Do outro lado, a porta de um camarim fechado, estava um garoto, de oito a dez anos, sentado numa cadeira, o dorso apoiado de encontro à porta.

Numa fila de cadeiras que circundava o palco, silenciosos como clientes desconfortados de um consultório gratuito, os atores e as atrizes esperavam a ocasião de entrar em cena. Cada um deles, muito atento, estudava o seu papel, em pequenas folhas datilografadas.

Havia silêncio — um silêncio de velório. O ambiente parecia de conflito. O único rumor que se escutava era o monótono ranger de serras na madeira dos sarrafos.

Quando Eduardo apareceu, todos os rostos se voltaram em sua direção. Cumprimentou-os, movendo levemente a cabeça, e relanceou o olhar, à procura de Marta.

Marta não estava ali.

A claridade, que sala da porta do camarim entreaberto, gulos os olhos de Eduardo. E ele, avistou, refletidos num espelho, o rosto e o busto de Marta, que compunha a cabeleira loura, prendendo as tranças, de um e de outro lado, com uma ponta de fita.

Na ponta dos pés, com extrema cautela para não fazer o menor rumor, Eduardo contornou o palco pelos fundos e foi sentar-se numa cadeira abandonada na outra extremidade.

Ao sentar-se, recordou-se da observação instantânea que pudera fazer através da porta entreaberta e com o auxílio do reflexo do espelho: o colo de Marta estava oculto pela seda clara da blusa, fechada à altura do pescoço em forma de colarinho. Essa observação trou-

xe-lhe o espírito uma súbita alegria: apanhara o Saravá em mais uma mentira! Não teria sido mentirosa também a história de sua discussão com Tiberio a propósito do artigo do Abdaes? Procurou destrinchar de uma vez a dúvida e estendeu a vista na direção do ensaiador: o olhar de Tiberio encolheu-se com o seu. Fez um movimento de cabeça, para cumprimentá-lo: Tiberio, esquivando-se ao cumprimento, baixou os olhos para o original aberto em cima da mesa.

Um polco perturbado, Eduardo voltou a vista, rapidamente, para o resto dos espectadores, e observou, na confusão brusca de uma suspensão, que os artistas se entreolhavam, num diálogo mudo que lhe parecia bastante expressivo. Instantaneamente compreendeu que alguma coisa tinha acontecido com o Tiberio a propósito de sua pessoa.

— Desta vez o Saravá não mentiu — concluiu Eduardo.

Sentiu o sangue subir-lhe à cabeça. E baixou o olhar para as tábuas do chão, mordicando o lábio inferior, enquanto cruzava as pernas e balanceava nervosamente a ponta do nariz suspenso.

— Marta terá assistido à discussão do Saravá? — perguntou a si mesmo, fixando agora o olhar ao chão.

Nesse momento, Tiberio deu um murro à mesa:

— Vamos começar esta outra vez!

Era um sujeito magro, quase pele e osso, muito esguio, ombros em cabide, olhos estalados, pele amarelada e encolada. Tímico em último grau, a tosse de vez em quando o sacudia em acessos violentos, por ele invariavelmente atribuídos ao uso imoderado do cigarro que sempre lhe pendia do canto da boca murcha. Quando arrebatava as mãos da cadeira, viam-se-lhes os braços desarticulados, secos, espinhados.

Não obstante a magreza cadavérica, que lhe tornava cada dia mais nítida a transparência do esqueleto, o velho Tiberio, nas suas exaltações continuas, tinha rompanças de valentia e ameaçava, de punhos cerrados:

— Eu um dia meto o braço e arrebeito um!

Comumente essas ameaças eram sufocadas pela tosse. Nessas ocasiões, ficava de olhos bem pulados e duros, as queixas do rosto tornavam-se mais salientes, como se a ossatura da caveira, saltada, espichasse a pele com violência.

Quando a tosse acalmava, a boca murcha e desdentada ficava abrida, e fechando, em acesso nervoso de máscara imaginária, e Tiberio dizia, procurando esconder a doença:

— É este cigarro! É este maldito cigarro!

All no teatro todos o temiam. Não tanto pelas explosões de seu gênio, a que já se tinham habituado, mas pelas intrigas e perversidade que fazia as ocultas. Antigo colega do diretor da Companhia, tornara-se indispensável ao Alderico Pestana, porque, além da responsabilidade dos ensaios — no que se julgava mais entendido que o "burro do Saravá" — lhe administrava os haveres, com um gênio esperto e velhaco de judeu.

De maneira que, com o tempo, apesar de intrigas, meretrices e conflitos, Tiberio passara a ser absolutamente necessário ao Pestana, tanto mais que, dispendo de recursos próprios, não fazia questão de proventos ou ordenados.

A propósito que a doença o tangia para a cama sob a zozna pertinaz da matreza da tosse,



# ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

## ANTOLOGIA DA PROSA — XXVIII JOSUE' MONTELLO

torrava-se mais ordinário e cruel.

Nos ensaios, fazia-se ranzinza e atipico. Não perdoava aos artistas o menor descuido ou lituclio. Se um ator errava — parecia considerar o erro uma ofensa. Exasperava-se, soltava gritos, ameaçava e dava a impressão de um espantoso gesticulando ao vento. A boca murch escurecia-se em esgaras hediondas, para deixar passar a tosse e os improprios.

Algumas vezes, depois de ameaçar com o braço desgrenhado, metia a mão no bolso traseiro da calça e exhibia um velho manopla de chumbo, com a qual se considerava tão bem armado como outrora o D. Quixote com uma lança gresleca.

Nessas ocasiões, os mais insistentes procuravam acalmá-lo:

— Tiberio, não se exalte. Não lhe faz mal.

Os olhos do velho, muito pulados e duros, reluziam com um brilho estranho:

— O que tem o senhor com a minha exaltação? Devo-lhe alguma coisa? É da sua conta? E a minha pelo palco, como um prisioneiro inquieto em porção de navio, salvando muito sob os apertados da tosse rebeldia.

Pouco a pouco, voltava-lhe a calma. Sentava-se então à mesa, empunhava o lapis preto, acendia um cigarro, dava murros, baixava o olhar para o original aberto sob a lâmpada que pendia de um fio:

— Vámes começar esta droga outra vez! — exclamava.

Os ensaios prosseguiram até que nova explosão, mais iracunda, mais violenta, tornava a interrompê-los.

Agora, ali no palco, ao ouvir o murro à mesa, Eduardo compreendia, num momento, que Tiberio havia transposto nova crise de exaltação.

Em alguns segundos, pela distribuição dos atores, pelos cochichos, pelos olhares inteligentes, intertrou-se do que se passara. E ficou comdecididamente Matilde, parada bem ao meio do palco.

Velha e gorda, de rosto sarapinhado, feia e um pouco mal vestida, Matilde era avó e andava acunha e abalco com o neto que Deus lhe dera em troca da prostituição da filha que um major reformado lhe dera, ainda no começo de sua carreira teatral.

Nas horas de ensaio, o garoto, que era esperto e enladrado, ficava quieto, a um canto do palco, e seguia as gesticulações e falas da avó, com uma curiosidade misturada de espanto. De sua cadeira, por baixo da lâmpada, Tiberio, com o olhar firme, vigiava-lhe a imobilidade. A criança, espavorida, não se movia: toda a sua emoção, enquanto Matilde trabalhava, se traduzia pelo brilho dos olhos castanhos e pela movimentação das mãos entreteidas.

Naquela tarde, Matilde exprimentava, com o argumento da idade, dos cabelos brancos e do coração fatigado, a terrível dificuldade do papel que lhe fora confiado: Caba-lhe a responsabilidade das cenas iniciais da peça. E havia, numa transição de papéis, certa mudança brusca de situação, na qual a atriz, reunindo os seus recursos de expressão dramática, devia ir nervosamente para acubar chorando.

Logo ao primeiro ensaio, Tiberio estourara:

— Não é assim! Não é nada disso! A senhora está errada, inteiramente errada! Desse jeito a senhora estraga a peça! O fracasso vai ser completo e a culpada é unicamente a senhora!

A advertência cruel, feita na

presença dos demais artistas, perturbava Matilde.

A atriz baixara a cabeça, aprovada e tímida, enquanto Tiberio, gesticulando e tossindo, dava murros, indiferente ao sofrimento moral da velha que a sua cólera reduzia e humilhava.

Várias vezes Matilde tentava superar a dificuldade da cena. Mas todo o esforço, desesperadamente conjugado, não lhe convencia a energia necessária ao desempenho razoável. Ela ria bem, num riso claro e alto, mas não conseguia chorar logo depois.

E dizia, depois de cada fracasso, numa dolorosa memória da mocidade que lhe faltava:

— Eu já fiz esse papel. E a platéia ficou de pé para me aplaudir, emocionada com o meu trabalho!

Mas ninguém, que agora a via ensaiar, podia acreditar no que ela dizia em seu timbre tremido de aflição.

E Matilde repetia, com se procurasse convencer a si própria:

— Eu já fiz esse papel!

A tragédia da velha contava os demais atores. E todos eles, quando ela começava, ficavam de respiração suspensa, seguindo-lhe cada som e cada movimento, até que, outra vez, esturgia o grito de Tiberio, mais exaltado, mais enraivecido, os grandes olhos pulados de estranheza que alirava na hora do manuseio.

Eduardo, de sua cadeira, por alguns momentos esquecidos da figura de Marta, já lhe havia assistido a dois ensaios inúteis. O último esforço fora o mais lamentável. E nem foi direito Matilde conseguira.

A meio da fala, Tiberio se levantou. O punho fechou-se no ar e tombou na tábua da mesa:

— Cavalho velho não aprende a marchar. A senhora não dá mais para isso. Procure outro ofício, porque representar a senhora não sabe!

E, áspero, insolente, provocante:

— O teatro nacional não vai para frente porque só aparecem para trabalhar enxadroses como a senhora! Pode ir-se embora! A Companhia não precisa mais de seus serviços!

A tosse cortou-lhe a palavra, e o velho, os olhos fora das órbitas, as mãos em cima do peito, vergou-se, sacudido pela crise, que o abalava convulsivamente.

Quando empinou outra vez a espinha, pendurou logo um cigarro no beijo espichado e tumbido:

— É a burrice de vocês que me dá cabo ao canasto.

Matilde o fitava, aterrada e muda. Tinha o olhar de sarnibulo dos patetas e uma indagação de espanto no rosto bochechudo e livido. O suor molhava-lhe a testa, numa agonia de condenada. Vivia naquele instante o momento mais dramático de seu destino. Que ia fazer agora, se estava desempregada? Onde poderia achar uma ocupação que lhe desse dinheiro? Via-se envelhecida demais para entregar-se a um homem. Sentia-se desamparada e perdida. E o método a dominava — o método indefinível do desamparo e da fome.

A porta do camarim, o garoto levava os dedos à boca, num grande ar espantado de indignação. Que significava tudo aquilo? Matilde ainda estaria representando? Na agonia de não entender, chegou-se um pouco para a porta da cadeira, querendo levantar-se. E recebeu, ante a pesada vigilância do olhar firme e duro de Tiberio.

Foi nessa ocasião que, alcançado a cabeça, Matilde levou os olhos aditos ao semblante do neto. Pareceu ficar mais aturdida. E logo, apavorada, tremula, deu um passo à frente,

para implorar, quase chorando:

— Deixe eu ensaiar mais uma vez.

E Tiberio, inflexível:

— Eu só tenho uma palavra. A senhora está despedida. Pode pôr-se ao fresco. Faça as suas contas e receba o seu dinheiro na caixa. Já disse: vá-se embora.

Relanceou o olhar pelo palco, em desafio:

— Quem estiver achando ruim, pode acompanhá-la.

E permaneceu imóvel, durante alguns segundos, a mão direita a indicar a porta por onde Matilde teria que sair.

Ninguém se moveu.

Dit-se-la que no olhar do velho havia um sortilégio sobre-humano, capas de petrificar, no instante de sua cólera, cada uma das pessoas acomodadas na orla de cadeiras que circundava o palco.

Só Matilde baixou a cabeça, o olhar abelido derramado ao chão. Suas mãos gordas vieram subindo, e os dedos, num e noutra face, interromperam o caminho de suas lágrimas.

Tiberio desceu o braço direito ao longo do corpo. Depois, como se fosse apanhar no espaço alguma coisa que ia caindo, seus dedos emergiam lentamente à altura da boca. Vergou-se para frente. E a tosse, que já não lhe podia avermelhar o rosto macilento, exorbiou os olhos cristantes, enquanto lhes sacudia o tronco chupado.

Os ombros se encolheram, os braços se dobraram, e as mãos, sempre diante da boca, que se escancarava nas convulsões da crise redobrada, mantinham-se vigilantes, à espera de alguma coisa que parecia querer saltar dos lábios umedecidos.

Tiberio encolheu-se e vergou-se: seu dorso dava a impressão de estar sendo chicoteado por um azorrague que não se via.

No intervalo da crise, todos os artistas se tinham levantado. E formavam um grupo, à porta do palco, discutindo em voz baixa, em sussurro de cochicho.

Matilde continuava parada. Do camarim entreaberto vinha a falha de luz que se estendia nas tábuas do chão.

Tiberio, passado o acesso, sentiu, num relance, a suspeita da conspiração. Parou a mão no ar, segurando o cigarro que devia levar aos lábios. E seus olhos, com uma chiapa mais cristante nas pupilas dilatadas, abrangiam o grupo, numa inspeção de desafio.

O sussurro repentinamente se desfez. Os semblantes se entrecolharam, espavoridos, tímidos. E todos recuaram. Uns se sentaram. Outros disfarçaram como foi possível. Mas reviram de soslaio outra vez Matilde, abandonada, humilde, à espera de que interessassem por ela. Houve uma acusação recíproca no movimento agil dos olhos que se procuravam. E um semblante parecia interpelar o outro: "Hein? Como é? Não temos coragem?"

Foi então que Antonieta, uma ruiva que fazia pequenos papéis de gênua, falou pelos companheiros, com o impulso de desasombro que a piedade lhe inspirava:

— Somos todos nós que lhe pedimos: deixe Matilde ensaiar mais uma vez.

Tiberio colocou o cigarro à boca, riscou o fósforo, soprou a fumaça. E não deu resposta.

Alguns segundos se passaram. E Antonieta, agora ferida pelo silêncio:

— É um esquejo que o senhor nos faz.

A falha de luz que vinha do camarim alargou-se. E Marta, caminhando por ela, tranquilamente, como se nada de anormal estivesse ocorrendo.

Tiberio, o calado, de cenho feanizado, dera alguns passos e sentava-se à mesa.

Marta circunavegou os pequenos olhos, procurando compreender o que se passava. Paou em segredo ao Adroaldo, contemplou Matilde — e logo, resolutamente, se aproximou de Tiberio.

A cabeleira loura, em penteado alto, com uma fita cor de rosa prendendo-lhe os bandos, tornava mais esguio o seu pescoço. A manga do corpete deixava-lhe nu quase todo o braço.

Tiberio baixara a cabeça sobre o original da peça.

A distância, agora, tinha-se a impressão de que Marta, apalando a mão direita no rosto da cadeira, ia envolver o velho num abraço.

E disse-lhe, quase ao ouvido, em tom alto, escolhendo as palavras:

— Mande também fazer as minhas contas que eu acompanho Matilde.

Tiberio tirou o cigarro da boca, soprou a fumaça por cima da mesa, franziu mais a testa enrugada.

Marta reerguera o busto: seus lábios, levemente repuxados, espalhavam um sorriso na fisionomia serena.

E Tiberio, depois de um silêncio, dirigindo-se não a Marta, mas a Antonieta:

— Só esta vez. Se não representar direito — rua!

Encolhida e calada, Matilde não falava, mas os olhos falavam por ela: uns olhos grandes, castanhos, bonitos — hspedes teimosos e bem parecidos de uma casa em ruínas. As pupilas claras rodavam pelo palco, paravam no rosto dos companheiros, fixavam a criança, fixavam o ensaiador, atarantados como camandongos num salão subitamente iluminado.

Os lábios de Matilde tremiam, no calafrio do pavor e da revolta: percebia-se que ela rezava, certamente com o pensamento no neto que agora a interpelava com um livido semblante de agonia.

As vezes parecia envergonhar-se do testemunho da criança — e os olhos castanhos novamente se derramavam ao chão, enquanto os lábios mais

trinitantes, mais trêmulos, continuavam a pedir a Deus que a protegesse.

Tiberio tornou a ficar de pé, num repêlito malcriado, coloritamente fitando Matilde:

— Que é que está esperando? E a velha, — tímida, humilhada, tonta, com a impressão de que o palco esclava:

— O senhor não me mandou começar...

Tiberio sentou-se, espalçou o original da peça, prendeu as folhas com o peso da manopla de chumbo:

— Pois então comece!

Matilde pôs os olhos de tartaruga para ler a fala desgrafiada numa folha de papel dobrada em duas. Afastou a mão, para ler melhor, ao mesmo tempo que procurava a mais adequada incidência da luz.

Até o serrote, lá no fundo do palco, deixou de ranger nos sarrafos de madeira.

No silêncio, ouvia-se a respiração de Tiberio, roufenha, ápera.

E Matilde começou.

Lia trémulamente, tropeçando nas sílabas, engolindo o final das palavras, no tom baixo de quem conta um crime de que se envergonha.

— Mais alto! — estrugiu Tiberio. Não se cuve coisa alguma! Abra a boca, para que eu possa ouvir!

Matilde atecou a voz. Tornou-a enérgica. Deu-lhe um timbre firme. E espalhou-a pelo teatro, numa sonoridade cheia.

Na ponta extrema da platéia poderiam escutá-la. Mas não gritava: a palavra afluava, eloquente, animada, com uma prodigiosa vivacidade dramática.

Repentinamente, quando ainda não se havia passado o respatito da dicção imprevista, entrou a rir — a rir de maneira nervosa, histérica, ressonante, em estalos mltidos de cristal partido.

A corda do riso vibrava-lhe de modo estranho, como se vibrava na laringe dos alucinados ou dos miseráveis que a fortuna não agride.

Tiberio tirou os olhos da peça e encarou Matilde. O cigarro caiu-lhe da boca. Seu rosto macilento e chupado detrançou a expressão de seve-

*Em parte luto, dirigiu-se à porta por  
fidelidade de velha atrevida, olhando o relógio.  
Cruza os olhos para o pai, experimentando como  
continua junto às grades do santuário. E  
aproximando-se a contemplar devante um agudo  
santuário da, público, imóvel, exultante, a grande  
piedade de pai, que bailava Manquinhos...  
E, seguindo os pontos giravam, girando  
e agitando, marcando os minutos, costando ao  
bras em variedade de comitês.*

*Tim*  
*Josue Montello*

*Out. de 1948*

Autógrafo de Josué Montello

# ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

## ANTOLOGIA DA PROSA — XXVIII JOSUE' MONTELLO

vidade e iluminou-se por um entusiasmo instantâneo, que lhe alargou a face.

Marta deu um passo, aproximando-se de Matilde, como se fosse acedi-la. Os demais artistas — uns tinham ficando de pé, outros a olhavam possuídos pelo espanto, pela alegria e pelo terror.

E Matilde continuava a rir. Ris alto e claro. A certa altura, os olhos de tartaruga saltaram-lhe do rosto. A mão papuda abandonou o papel da fala. E o riso prosseguiu. A cabeça despenhada e encanecida estava agora repuxada para trás sob o repêlo da gargalhada, que estalava e repercutia, contínua, impressionante, desvariada.

Tibério arregalou mais os olhos: o entusiasmo transformou-se em assombro, o assombro em receio — e o receio fez pavor.

Marta cerrou as mãos, emocionada. Quem estava sentado — levantou-se. Quem se achava de pé — prendeu a respiração. E viu-se o garoto deixar a porta do camarim, onde se mantivera de lábios tritantes e mãos trêmulas, e aproximar-se da cena.

E foi ele quem gritou, numa intuição da loucura, para tentar conter aquele riso interminável:

— O que é isso, vovô?

Marta levantou aflitamente, os braços:

— Matilde!

Tibério irrompeu da mesa, querendo deter a gargalhada trágica, que ainda sacudia e vibrava o corpo mole da velha:

— Matilde, pare com isso!

De todos os lados, no mesmo esforço conjugado, na mesma ansiedade aflitiva, chamaram-no nome:

— Matilde!

E o riso, como se largasse repentinamente a cabeça encanecida, dando mesmo a impressão de que uma rede invisível afrouxara, permitiu que o rosto pendesse para a frente, deixando livre a passagem para o chão, que viu copioso, borbulhante, saltando da boca, pulando dos olhos. E os soluços irromperam, numa precipitação de savanos em tropeço na garganta de um desfalecido, até que o corpo pesado e balóio, úmido de suor e de lágrimas, tombou numa poltrona.

As palmas estalarão, em aplauso imediato. Várias pessoas choravam. E Marta ria agora, com os calmos olhos cheios de água.

Tibério, mal refletido do espanto, abriu os braços para Matilde, querendo envolvê-la:

— Era assim que eu queria que você representasse! Você é uma grande atriz!

Matilde levantou-se, repeliu os cumprimentos, banhi os homenagens, enxugou rapidamente o rosto e tomou por uma das mãos o neto, que chorava também, encolhido numa das pregas da sua saia. Avançou alguns passos, apenhou os olhos abandonados ao chão. Intencionalmente tangeu para longe a folha de papel que estava perto.

Sempre sem palavras, a emoção prendendo-lhe a garganta, atravessou o palco, levando a criança pela mão. E caminhou para a saída do teatro.

— Que é isso, Matilde? Onde você vai? — indagou Tibério, não conseguindo entender-lhe a estranha atitude.

E a velha, alto, muito digna, sem deter a caminhada:

— Pode procurar outra atriz. Eu não sei representar!

E acelerou o passo, cólerica, transfigurada e trágica, desaparecendo por entre velhos cenários esquecidos de encontro às paredes do corredor.

Vagarosamente, enquanto Matilde se afastava, Eduardo se

acercou de Tibério, que agora lhe dava as costas, voltado na direção do corredor, e colocou pesadamente a mão direita, com energia, no ombro murchado do velho.

Tibério voltou-se, gritando sobre o calcanhar em movimento rápido, sob a forte pressão do braço que violentamente o punxava.

No mesmo instante, sem dar tempo a que o velho lhe escapasse, a mão de Eduardo abandonou o ombro descarnado, e seus dedos seguraram-lhe vigorosamente a gola do paletó, quase à altura da gravata. O casaco fechou-se, encobrindo todo o peito da camisa.

Estatelado diante da surpresa da agressão, Tibério, em silêncio, com uma lividez de silêncio sujo na face angulosa, traduzir o seu espanto, a sua cólera e o seu medo na convergência hedionda do olhar, que fixava estrabicamente o rosto de Eduardo à distância de poucos centímetros de seu nariz. As retinas, saltadas e grandes, brimáticas, enquanto a respiração, sempre ansiosa e arqueilhava com uma tonalidade fante, parecia momentaneamente paralizada. Os braços ficaram inertes no comprido do corpo, momentaneamente perdidos das ommoplates recuadas. O peito afundou-se, abaulado e vazio. E a boca se descerrou, murcha, desidratada, salivante.

Então Eduardo, segurando com brutalidade a gola do casaco, aproximou e distanciou Tibério, com um repêlo violento que obrigou o corpo esguio a sacudir-se em convulsão, e perguntou-lhe, com os dentes cerrados, numa leve saliência do maxilar inferior:

— Estás satisfeito, idiota? Torna a berrar! Grita agora! Ameaça com a tua manopla! Pá! Não queres gritar?

Tibério permaneceu calado.

E foi nessa ocasião que Eduardo experimentou o perigoso impulso de puxar-lhe as pontas da gravata, apertando fortemente o laço, de modo a comprimir-lhe a boca a escancarar-se ainda mais e obrigá-lo a língua e distender-se e saltar, até que os olhos se lhe pulsam-se estrididos de sangue e o corpo esguio tombasse, marcado pelo sinal da morte.

Num relance, a vontade o empolgou. Sentiu que não poderia mais dominá-la. E uma estranha alegria apoderou-se de sua consciência, dando-lhe novas forças, comunicando-lhe uma decisão mais energética.

Naquele trago humano, que ia romper-se nas suas mãos firmes, virar-se de todas as humilhações que o vinham torturando. Vieram-lhe à memória os insultos que havia recebido. E seus dedos, que apertavam mais a gola, agora lhe restituíram a certeza de que ele não era um covarde e que dispunha de coragem para matar.

Num instante desejou que ali estivessem, para testemunhar o seu gesto, o Abdias, o relojoeiro e Madame Adeline. Nunca mais o insulariam. Nunca mais zombariam de seus terrores. Tibério estava castigado! Abdias não escreveria outras infâmias contra a sua pessoa! Madame Adeline se colaria! Aristides Nogueira jamais lhe falaria com aspereza!

Já então muitas vezes lhe gritavam pelo nome e várias mãos o punxavam para trás:

— Que é isso, Eduardo?

— Você mata Tibério, Eduardo!

— Eduardo!

Sentiu que os dedos de Marta firmemente lhe agarravam os braços:

— Pelo amor de Deus, Eduardo! Sou eu! Oí! É Marta! As poucas, conciente do que poderia fazer naquele instante, absolutamente convicto de que

a vida de um homem era uma simples dependência de sua força e de sua vontade, Eduardo foi afrouxando os dedos.

Para que matar, se a morte continuava a passar ao largo daquele pobre diabo, sem dar atenção ao chamado pertinaz tosse que o consumia?

E empurrou o corpo bambô. Tibério caiu para trás: o baço ressoou seco nas tábuas do chão.

Eduardo ainda o olhou com nojo, hesitando se deveria montar-lhe sobre o peito, para outra vez castigá-lo.

Aos poucos o velho se levantou, amparado por Antonieta. E foi recuando, recuando. Em seu pescoço viam-se manchas nitidas, arroxeadas. Encostou-se à mesa, bateu-a com as mãos atrás das costas, sorrateiramente enfiou os dedos compridos na manopla de chumbo.

E parou, mudo de cólera, olhando fixamente Eduardo, que lhe deu vagarosamente as costas e vagarosamente foi saindo do teatro.

### CAPÍTULO XXVIII

Pela manhã — não sabia bem as horas, mas presumia que ainda faltasse muito para as nove e vinte — chegou à janela, para espisar o tempo, assim que despertou, ali na poltrona da sala.

A chuva havia cessado. Mas o céu ainda se mostrava turvo, sem negas de azul, a claridade do sol dificilmente coada através da densa cortina plúmbea que velava a amplidão. A distância, o horizonte parecia um vestígio da noite, no cinzento fosco, quase sombrio, que o revestia.

Demorou-se a sondar o espaço, sentindo que a inquietação da madrugada lhe empolgava outra vez o espírito.

Por toda parte perseguida, não descobriu uma única asa de pássaro. As andorinhas estavam encolhidas sob os beirais, num silêncio de máu prenúncio. Nem mesmo os urubus passavam, riscando traços negros na paisagem. As casas se mantinham fechadas. Uma ou outra vitrina de loja entreabria-se a meio. E havia um calor de rescaldo, levemente atenuado pela aragem fria que soprava a espaços.

— Ainda vai chover — concluiu Eduardo.

E logo deu um passo atrás, a um sopro mais forte do vento úmido.

A luz do sol refletiu, nimbada pela tormenta.

E a chuva recomeçou a cair. Ficou a olhar a água tombando em fios e repetidas vezes levou a mão ao rosto para enxugar as pálpebras molhadas. Readiquiria a consciência de que uma desgraça irremovível o perseguia. De nada adiantavam as precauções e cautelas de que se havia socorrido até então.

Ali estava a chuva, despenhando e fluindo, também a serviço da morte que o queria levar.

Agora se achava mesmo resolvido a entregá-la. Sabia-se que se cercava: por mais que se esquivasse aos perigos, a morte acabaria por levá-lo, num assalto repentino.

E para que telmar?

Por acaso já não havia sofrido demais?

Relanceou a vista pela sala, à procura da pistola. Viu-a sobre a mesa, o cano voltado em sua direção.

Era um indício sugestivo — refletiu ele, com essa ponta de ironia que os desgraçados costumam ter para si próprios nas ocasiões supremas.

E acercou-se da mesa. Segurou a arma, destravou-a,

esteve a contemplar o orifício por onde passaria a bala que iria atingi-lo em pleno peito, à altura do coração. Enfiou o dedo no gatilho, pronto a premir. E deixou pender o braço, circunvagando a vista fatigada pela sala.

Só então reparou que o lustre estava aceso. Ao descer o olhar, viu-lhe o reflexo feérico no metal do relógio. E demorou-se na contemplação dolorosa da pênula de prata. Em seguida, fixou a agulha dos ponteiros.

E, de súbito, a uma idéia repentina, repôs a pistola sobre a mesa.

Em passos rápidos, alcançou o quarto, bem defronte do guarda-roupa. Abriu a peça de par em par e adiantou o busto, separando com rápidas as roupas penduradas em cabides. Seu semblante era agora uma máscara imóvel, de traços duros, hirtos, de uma rigidez estranha. Os olhos egarsavam em mobilidade espantosa, rolando nas órbitas dilatadas, inquietos, relutantes, pulados e grandes. E antecipavam-se às mãos, a inspecionar atarantadamente o interior do móvel, numa agitação de desvario.

Mais nervoso, entrou a apalpar os cabides, arremessando as roupas à cama.

A um canto, logo aos primeiros movimentos desesperados, avistou o objetivo que procurava.

Em seguida, viu-se ao meio do quarto, a mirar e remirar a grossa bengala de castão de ouro, que pertencera ao avô. Sacudiu-a no ar, sentindo-lhe o peso. Era rija, de uma consistência de pau-ferro; a placa de metal da extremidade inferior a tornava mais dura, aumentando-lhe o poder como instrumento de luta.

A fúria de um soldado de rastros, a loucura aproximava-se da consciência de Eduardo.

Na confusão da imagem que o perseguia, podia vislumbrar, com absoluta nitidez, a esguia figura do avô a brandir a bengala. E alguns homens calam, leapedos e sangrentos, no pátio de um presídio.

E logo, num impulso, empunhou o bastão, para imitá-lo.

Rodou-o por cima da cabeça, experimentando-lhe a força. E ouviu, após o leve assobio do ar deslocado, uma pancada seca, seguida de outra mais forte e ressoante. Olhou para trás, com espanto. E viu o oratório derrubado no mármore da cômoda.

No chão, o crucifixo de marfim, partido em dois, dividida ao meio o tórax da imagem, que se havia desprendido do lenho. Vergou-se para o chão, ajuntou os pedacos, contemplou-os. Que significaria aquilo? Não sabia. Mas levou-os aos lábios, num gesto instintivo: beijou-os, num repêlo atendeu-os em cima do mármore.

E sobragou a bengala, acercando-se da sala.

No reatuplo da porta, mediu com o olhar o tamanho do relógio. Andou mais um pouco e considerou que daquela distância podia alcançá-lo, numa pancada certeira. Flexionou os ombros para trás: o paletó lhe dificultava os movimentos. Com rapidez, despojou-se da roupa, atirando-a ao chão. Arremangou a camisa, susteve outra vez a bengala.

E marcou a pancada.

O bordão veio-lhe para trás das costas, exatamente na posição do machado que o lenhador empunha para vibrar o golpe no tronco que vai cair.

Concentrou toda a energia possível no castão de ouro: um palmo adiante, na madeira da peça, os dedos, enlavinavam-se, desorçados ao esforço da bordada. Seus pés se tinham firmados ao chão, os mto-

culos das pernas se retesavam, paralisados. A corda do arco se distendia pronta a saltar e flecha. E o braço direito se levantou.

A porta da bengala, com seu revestimento de metal, riscou no ar o primeiro trago da curva. Os olhos de Eduardo, fixos no bronze do relógio, aguardaram a pancada. Ouvia então um ruído ressoante. E seu braço estendeu a um choque brusco, imediato. A bengala saltou-se-lhe dos mãos convulsas. A sala escureceu um pouco. Tudo no mesmo instante, numa simultaneidade que intrigava. E o relógio manteve-se impassível, sem o mais leve ferimento, como se um mistério qualquer o protegesse, enquanto uma chuva de cristais partidos se derramava, em fragmentos de granizo rebrilhante, sobre o busto e a cabeça de Eduardo.

O lustre apagou-se, desfeito em pedacos.

Nos primeiros momentos não percebeu com exatidão o que se tinha passado. Recordava-se apenas de que saltara a bengala. E olhava agora o relógio, com espanto e receio, perguntando a si mesmo por que a caixa de bronze nada sofrera.

Depois lembrou-se, embora de modo vago, que alguma coisa quebrara e caíra. Ao levar as mãos às têmporas, no afliivo esforço de entender, tornou a ouvir novo ruído ressoante. Mirou os ombros, sacudiu a cabeça e outros fragmentos de cristal tombaram. Alçou a cabeça para o lustre. E recuou alguns passos até ficar junto à janela.

O vento úmido entrava pelo vão aberto, mas Eduardo não o sentia, como não sentia os pingos de chuva que a ventania lhe soprava às costas.

Lentamente desceu a vista ao relógio. Viu-lhe os ponteiros, a pênula, a caixa de bronze, os vidros intactos. Um estranho poder velava e protegia aquela peça de metal calada pela morte. Foi arregalando os olhos, amedrontado. E a gritaria, quando ouviu que, à porta, alguém batia com o nó dos dedos. Adiantou o ouvido, a mão em concha junto à orelha, a cabeça inclinada. Nessa posição insu-se sentindo vagarosamente tranquilidade. Era uma impressão estranha, que o convertia em testemunha de um mundo que se despoñtando dentro de si mesmo. Outra vez as pancadas soaram, percutidas com insistência. Quis andar: viu-se retido ao chão. Para que mover-se? Reavaliou o olhar pela sala. Ao ver o disco sobre a tampa da eletrola, franziu a testa. Onde estava tio Zura que havia tãnto tempo não lhe aparecia? Certamente estaria outra vez recluso, compondo as suas músicas sublimes. Passou a mão direita no rosto de pálpebras derrubadas. Quando voltou a cabeça, não mais se retraiu de medo à vista do relógio. Pôs-se a mirá-lo, com certa ternura nas pupilas mortas. Novamente as pancadas soaram, mais fortes, sacudindo a madeira da porta, como se a quisessem arruinar. Cruzou então a sala, atravessou o corredor, pisando de leve, sem rumor. Colou a orelha à porta. Devia ser tio Zura, que lhe vinha mostrar a nova partitura. E devagar, para prolongar um pouco a alegria do encontro, tocou a chave na fechadura.

Aristides Nogueira, no retângulo da esquadria, abriu-lhe o rosto risonho:

— Apesar que o senhor pensava que eu não viria.

E sacudindo o guarda-chuva molhado, para deixá-lo a um canto do corredor:

— Só vim porque nada tinha a fazer em casa agora de manhã. O senhor teve muita sor-



# VERBETES PARA O DICCIONARIO BIO-BIBLIOGRAFICO BRASILEIRO

**ABRANCHES, GARCIA DE [JOAO ANTONIO]** — Nasceu em Portugal, mas se tornou brasileiro pela Constituição do Império. Residiu por trinta anos no Maranhão; foi ali lavrador, comerciante e jornalista. Fez opposição ao General Cockrane, e por esse motivo foi preso e recolhido incommunicable à fortaleza da Ponta da Areia. Dali, a 3 de maio de 1825, foi remetido para Lisboa no brigue Aurora. Mas sua prisão foi reputada injusta, e ele pôde regressar ao Maranhão. É dessa época em diante que publica o seu famoso *O Censor Maranhense*, periódico cuja saída se estende irregularmente, até 1830, e cuja coleção é formada de 24 opúsculos. Faleceu no Maranhão, em 1844 ou 1845.

**Escreveu:** — *Expediente critico-politico da Provincia do Maranhão*, por um habitante da mesma Provincia. — 50 ps. — Lisboa? — Rio? — 1822 — *Saia anônimo*, e também foi atribuído a João Crispim Alves de Lima. — *Memória concernente à construção da casa do liberto de Villa Franca, do Campo da Ilha de S. Miguel*, acompanhada de representação da Câmara Municipal da mesma Villa a S. Magestade — 16 ps. — Lisboa, 1834. — *Representação em nome da Câmara Municipal de Villa Franca do Campo à Câmara dos senhores Deputados* — 8 ps. — Lisboa, 1834. — *História do liberto de Villa Franca da Ilha de S. Miguel*. — 1.ª parte — 32 ps. — Lisboa, 1841. — *O brasileiro emigrado*.

**ABRANCHES, ANTONIO BATISTA (Fr.)** —

Também chamado Fr. Antonio do Rosario Batista. Nasceu em Abrantes, Portugal, a 23 de dezembro de 1737. Foi franciscano congregado da Ordem Terceira, professor da lingua árabe, definidor geral, capitão mor da Armada, confessor de D. Carlota Joaquina. Veio para o Brasil com a família real, em 1807. Faleceu no Rio de Janeiro entre os anos de 1811 e 1813.

**Escreveu:** — *Instituições da lingua árabe para uso das escolas da Congregação da Terceira Ordem*. — Regia Officina Tipográfica — Lisboa, 1774 — in-8.º — de 16 a 370 ps. Foi a primeira gramática da lingua árabe que se publicou em português.

**ABRANCHES, MARQUES DE (v. ALMEIDA, MIGUEL CALMON DU PIN e MARQUES DE ABRANCHES)** —

**ABREU, ADRIANO DE** — É filho de João Capistrano de Abreu. Pertence ao corpo do funcionalismo público federal.

**Escreveu:** — *Dias de Maio. Romance — Ficção e Costumes. Tip. do "Jornal do Comércio", Rio, 1941, 333 ps.* Como explicação do seu romance, relata o autor: "João Capistrano de Abreu, meu pai, disse-me várias vezes, em tom interessado e instantâneo: — Faça um romance, Adriano. V. tem observação introspectiva. Você... Passaram-se anos, mais anos, lustros. Na madrugada de 13 de agosto de 1927, ocorreu a sua morte. E eu, mau filho, negligente, desobediente, não cheguei a dar-lhe a alegria porque ele anelava, uma

quando viu que Aristides adiantava o braço, para descer a tampa do mostrador. Aquelles dedos polpudos iam tocar nos ponteiros de prata? E os olhos de Eduardo arregalaram-se: suas mãos fecharam-se à altura do peito, num movimento esboçado de recuo. Alguma coisa aconteceria àquele homem! — Saia dali! Vá-se embora! — disse consigo mesmo, sem articular as palavras, enclivando mais os punhos. Numa inspiração instantânea, convergiu a vista para a mesa. De relance recorda-se da pistola deixada ali. E firmou no espírito a ideia de defender o relógio que as gordas mãos hirsutas iam apalpando. O avô não consentia que pessoas estranhas tivessem aquelas liberdades... E Eduardo, atarantadamente, agora sem tremer as mãos, buscava com os olhos incendiados a pistola. Aristides, enfiando em seu trabalho, calava os ponteiros — e os fazia girar. Eduardo acercou-se da mesa, a revolver os papéis. A arma devia estar ali! Fora ali que a deixara. E repetiu, consigo mesmo: — Foi aqui. De costas, o relógiojeiro vergara o dorso, para descer a tampa da pênula. Os dedos de Eduardo mergulharam celeremente nos papéis derramados. E moviam-se atarantados como as pastas de um animal faminto e alertado pelo fero. Percorreram quase toda a mesa, sempre na mesma aflição. E, de súbito, voltaram-se na direção da pasta de couro que escondia a arma. O braço direito adiantou-se, o dedo indicador já recurvado para en-

das únicas alegrias que ainda lhe poderia proporcionar a vida!

Tarde de más horas, veio atender ao desejo reiterado de meu pai. Infelizmente, ele não poderá folhear este romance; nem o tempo apressorou certamente os dons que sua indulgência divisava em mim. O autor não pretendeu engrandecer o nome paterno, mas scariciar a aspiração de também não o haver deslustrado."

**Escreveu:** — *Intimos*. — É a sua contribuição para o volume *Três Liras*, publicado em colaboração com Ribeiro Gonçalves e Antonio Rubim — 1882.

**ABREU, ANISIO DE — AUTO** — Nasceu em Teresina, Piauí, em 1883, e se formou em Direito pela Faculdade do Recife, em 1885. Foi promotor público de Paraíba, Juiz municipal dos termos reunidos de Piracuruca e Batalha, Juiz de casamentos em Teresina. Foi depois Chefe de Polícia de seu Estado. Deputado à Assembléa Estadual, não tardou em vir para a Câmara Federal (1894). Ficou nessa casa do Congresso durante dez anos, e, então, passou para o Senado. Em 1907 foi eleito governador do Piauí. Faleceu em Teresina, em 1909, quando ainda lhe faltavam dois anos para concluir o seu mandato de governador. É patrono da Academia Piauiense de Letras.

**Escreveu:** — *Intimos*. — É a sua contribuição para o volume *Três Liras*, publicado em colaboração com Ribeiro Gonçalves e Antonio Rubim — 1882.

**Escreveu:** — *Intimos*. — É a sua contribuição para o volume *Três Liras*, publicado em colaboração com Ribeiro Gonçalves e Antonio Rubim — 1882.

**Escreveu:** — *Intimos*. — É a sua contribuição para o volume *Três Liras*, publicado em colaboração com Ribeiro Gonçalves e Antonio Rubim — 1882.

**Escreveu:** — *Intimos*. — É a sua contribuição para o volume *Três Liras*, publicado em colaboração com Ribeiro Gonçalves e Antonio Rubim — 1882.

**Escreveu:** — *Intimos*. — É a sua contribuição para o volume *Três Liras*, publicado em colaboração com Ribeiro Gonçalves e Antonio Rubim — 1882.

**Escreveu:** — *Intimos*. — É a sua contribuição para o volume *Três Liras*, publicado em colaboração com Ribeiro Gonçalves e Antonio Rubim — 1882.

**Escreveu:** — *Intimos*. — É a sua contribuição para o volume *Três Liras*, publicado em colaboração com Ribeiro Gonçalves e Antonio Rubim — 1882.

**Escreveu:** — *Intimos*. — É a sua contribuição para o volume *Três Liras*, publicado em colaboração com Ribeiro Gonçalves e Antonio Rubim — 1882.

**— Carta ao Conselheiro João Alfredo de Oliveira — 1883.**

**— Escravo — Poema abolicionista. Ficou inconcludido.**

Existem deste autor numerosos discursos pronunciados na Câmara Federal, e tirados em avulso, além de um volume de discursos parlamentares, publicado por seu irmão, o dr. Arcolino Antonio de Abreu.

**ABREU, ANTONIO MOREIRA DE** — Nasceu em Santa Rita de Sapucaí, Minas Gerais, a 10 de março de 1893, e se formou em direito pela Faculdade de S. Paulo. Foi oficial de gabinete do presidente do Estado de Minas Gerais de 1914 a 1918. Entrou para o Itamarati nesse último ano. Foi oficial de gabinete do presidente Delim Moreira (1919); encarregado de negócios em Madrid (1920 a 1923); primeiro secretário de Legação (1929). Serviu no México, em Bogotá, em Tóquio, em Buenos Aires e em Bruxelas. Foi delegado à Assembléa do Instituto Pan Americano de Geografia e História, no México (1929); delegado ao Congresso de Estradas de Rodagem na mesma cidade em 1930. Foi aposentado em 1933.

**Escreveu:** — *Política Internacional del Brasil* — Conferência em Madrid em 1923. Foi tirado em folheto. — *O Brasil e a Sociedade das Nações — 1919 — 1933.* — *O Império Divino — S. Paulo — 1939 — 205 ps.* — É um estudo sobre o Japão.

**ABREU, ANTONIO DOS SANTOS** — Foi doutor em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro

**Escreveu:** — *Quais as forças que presidem à circulação do sangue. Da menstruação. Hemoptis. Ar atmosférico — Rio de Janeiro, 1859 — É a sua tese de doutorando.*

**ABREU, ANTONIO JOAQUIM** — Inocência registra o nome deste poeta, mas não sabe se ele nasceu em Portugal ou no Brasil. Sabe, com certeza, que, antes de 1815, ele residia em alguma provincia brasileira. É segundo o bibliógrafo português, "um poeta menos que mediocre". E seus versos "nada têm qua os recomendem".

Blake também o menciona, mas nada sabe, ao certo, a seu respeito. Parece-lhe que era baiano, pai do médico Manoel Joaquim de Abreu. Imagina que ele nasceu nos fins do século XVIII.

**Escreveu:** — *Sonetos sobre diversos assuntos — Lisboa — 1815.* Contem uma ode a 59 sonetos.

**ABREU, BOAVENTURA DE — [GONÇALVES]** — Nasceu em Alagoas, a 14 de julho de 1864, e era filho do Capitão Raimundo Gonçalves de Abreu. Foi militar. Redigiu o "Arrebol". Faleceu no Rio de Janeiro em 9 de julho de 1918. Colaborou no:

— *Modesta Homenagem. Da Mocidade Republicana do Estado de Alagoas. 29 de junho de 1908. A sagrada memória do grande cidadão Marechal Floriano Peixoto. 1895 — 1900 — 14 ps.*

A comissão organizadora dessa homenagem era composta de: Boaventura do Abreu, Gabriel Jatubá, Craiveiro Costa, Pedro Soares e Filinto Marques.

## NOTA

**AUTORES E LIVROS** continua a publicação sistematizada dos verbetes da letra A do Dicionário Bio-Bibliográfico Brasileiro, elaborado pelo seu diretor. Estamos perfeitamente conscientes das grandes falhas e das grandes insuficiências do nosso dicionário, elaborado com os melhores recursos que o ambiente espiritual do Brasil oferece a obras de tal vulto. Por isso, o autor desse trabalho pode encarecidamente aos seus leitores do boa vontade que cooperem com ele, enviando-lhe, à margem de cada verbete, os repuros que lograrem fazer, no sentido de completar ou corrigir as notícias biográficas. As emendas e as correções assim feitas serão aproveitadas na edição em livro que a obra venha a ter. — M. L.

## O Homem e o Cristo

(Continuação da página 87) combates de fôrça e garra continua paz de dentro, morre na vida e vive na morte; todas as coisas ama por Cristo, e não ama a si mesmo por Cristo, não o desvanecer a fortuna, nem o entristecer a desgraça; no mesmo tempo deseja morrer, e no mesmo tempo deseja viver, morrer para estar com Cristo, e viver para servir a Cristo.

Sermão da primeira sexta-feira da Quaresma, pregado na freguezia de Julião, em Lisboa, em 1874. Apud. Almqvist Diniz — *Antologia da Língua Vernácula*.

le em pillar-me assim. Dê graças a Deus! Levante as mãos para o céu!

Eduardo abriu a porta, deixou que o relógiojeiro passasse. De costas, ao bater o trinco, ficou sem saber quem era aquele homem. Devia conhecê-lo. De onde? Não se lembrava. E por que o mandara entrar? Voltou-se, para perguntar-lhe o que desejava e quem era.

Aristides, parado a meio da sala, contemplava o relógio, delmiado.

— Que maravilha! Que beleza!

Colocou em cima da mesa, sem despregar os olhos da caixa de bronze, uma pequena bolsa de ferros, que emborcou sobre a pistola, sem dar por ela, tão fascinado estava pela imponência do relógio taciturno, ali no fundo da sala.

Deu alguns passos à frente e recuou, num salto, ao sentir sob os sapatos o rangido do cristal moído ao pé de seu corpo.

Circunvou a vista pelo chão, ergueu a cabeça ao teto: — Oh, o lustre! Como foi que quebrou?

Eduardo não respondeu. Seus olhos mortos dir-se-iam o envoltório de vidro de uma flama que se apagava aos poucos, de vagar. De quando em quando — e pareceia retomar o espiando antigo — e as pupilas cintilavam, crescidas, febris, desconfiadas.

De um momento para outro, entrou a associar a figura do homem gordo, ali na sala, ao relógio de bronze. Pitava um, litava outro, iterativamente, como se requisesse as oscilações de uma pênula — até que, em seu semblante hirt, o canto da boca se cavou num risco leve de ruga. E o risco acentuou-se, dando forma ao riso discreto,

# A VIDA DOS LIVROS

## RAIMUNDO CORREIA

### Resposta a uma critica a proposito da minha edição das Poesias Completas deste poeta

No último domingo appareceu nas venerandas colunas desta folha, (1) um artigo de colaboração intitulado "Raimundo Correia". Esse artigo outra coisa não era senão a mais estranha, a mais inexplicável distorção redigida contra mim, e contra a maneira como eu organizei e comentei a edição das "Poesias Completas" (não "Obras Completas", como ali se diz) de Raimundo Correia.

Se a distorção fosse apenas contra mim, individualmente, ou se fosse contra as minhas letras, naquilo que elas representam uma criação minha — quer dizer, contra a minha poesia, contra a minha ficção, contra as minhas concepções de ensaista ou de crítico — eu nada teria a dizer. Agradeceria, comovido, ao meu eloquente destruidor, o ter-se lembrado de mim, e passaria adiante. Mas a agressão vai muito além da minha simples e obscura pessoa muito além das minhas realizações de puro homem de letras; dirige-se contra a sinceridade do meu trabalho, atinge e fere a honestidade da minha conduta de escritor e de crítico. E, sendo assim, vejo-me obrigado a recorrer a estas illustres colunas para uma explicação longa e cabal.

Pego perdão ao leitor se nas linhas que se seguem tenho às vezes que descer a assuntos primários e infantis — fui o nível das acusações de que o meu grato acusador me tornou alvo.

#### UM ACUSADOR QUE ACUSA SEM LER

Em certa parte do artigo a que aludo, o autor disse esta frase reveladora: "Na simples abertura das páginas com a espátula, corre-se o risco de vassar um desses furunculos virgínicos numerosos". Abertura das páginas com a espátula... Foi certamente a isso que se limitou o trabalho desse estranho e desvairado vasador de furunculos! Porque se ele tivesse lido, durante dez minutos que fosse, a minha edição — se tivesse percorrido o seu prefácio, onde se acha explicado o método que nela adotei, se tivesse prestado atenção às notas dos pés de página — teria compreendido o que é que ali, naquelas duas volumes, se contém. E não viria acusar-me de ter introduzido na obra de Raimundo Correia nenhuma emenda; não teria caído na patética, na inacreditável falta de inteligência ou na inexplicável revelação de má fé, de denunciar como de minha autoria a bela e grande poesia de Raimundo Correia. Pois outra coisa não fez esse encurruado da critica: senão me atribuir o génio e a glória de Raimundo Correia, éle que assegura que os autênticos versos de Raimundo são aqueles que eu dou como variantes (são de fato, as variantes, apparecidas nos primeiros livros do poeta); éle que apresenta como se fossem emendas e alterações minhas tudo aquilo que

constitue a verdadeira, a apurada, a final, a definitiva poesia de Raimundo! Já se viu confusão maior e mais primária?

Como explicá-la, porém? Pela simples ignorância? Mas é possível que um indivíduo alio a uma ignorância tão total uma imprudência tão grande, a ponto de chegar a escrever um artigo daquelles, sem antes ter tido o cuidado de examinar o que vai dizer, procedendo a uma confrontação do texto que censura com o texto que defende?

Falta total de inteligência? Incapacidade completa e sem remédio de compreender um texto claríssimo que lê? Mas isso seria colocar o autor de tal página numa categoria de ser apenas semi-racional, tão fáceis são as evidências que éle tinha diante dos olhos. E em tal caso imagino que só haveria para éle um remédio: é mandá-lo para uma escola de anormais.

Resta a má fé, e sinceramente é a única explicação que para o caso me parece aceitável. Mas uma ténua má fé, má fé nazista. — a má fé do indivíduo que vê uma coisa e afirma a coisa contrária, certo de que, no fim de todas as infâmias, mesmo quando estas foram desfeitas, pode ainda restar alguma coisa que sirva para o descrédito e a desmoralização do adversário.

#### O MÉTODO QUE ADOTEI NAS POESIAS COMPLETAS

Quando imaginei preparar uma edição das Poesias Completas de Raimundo Correia, defrontei-me com um problema: não queria, de maneira nenhuma, deixar de respeitar o volume das Poesias selecionado pelo próprio autor; mas não podia também (era claro: tratava-se de uma edição das Poesias Completas), deixar de lado o restante da obra do poeta. Adotei então o único sistema que me pareceu lógico: deixei que ficasse constituído um volume a parte — o primeiro volume — a seleção organizada pelo próprio Raimundo, e formei o segundo volume com o restante da obra do poeta — os seus Primeiros sonhos (Integral), a parte que éle não transportou para as Poesias das Sinfonias, dos Versos e Versões e das Aleluias; e as numerosas poesias avulsas, que fui recolhendo dos jornais e revistas em que o autor as publicou.

Como Raimundo Correia era um poeta muito exigente, atento sempre aos mais imponderáveis valores verbais, corrigia muito os seus versos; foi-me fácil, assim, fazendo o confronto dos textos por éle dados em sua edição das Poesias com os textos antes apresentados em seus outros livros, ou mesmo em publicações de revistas ou jornais, encontrar, em toda a sua obra, numerosas variantes. Realizando uma edição critica, tratei de registrar todas essas variantes.

Tomei, pois, como padrão do meu trabalho, a 3.ª edição das Poesias, a edição de 1910. E' a última edição saída em vida do poeta, e foi correcta e aumen-

tada por éle. Segui passo a passo, verso a verso, virgula a virgula, essa edição. E, registrei, nas notas do pé da página, toda a vez que se me apresentou occasião, qualquer variante que encontrasse nas edições anteriores.

Por uma inspiração diabólica, pensando os alhos agora sobre o meu trabalho, o leviano furunculista resolveu attribuir-me aquillo que é de Raimundo, e unicamente dele! Ponto aqui como exemplos os exemplos que o próprio articulista apresentou. Na 3.ª edição das Poesias, p. 125, encontra-se o soneto Pesadejo; vem reproduzido com esse mesmo titulo nas Poesias Completas por mim organizadas (vol. I p. 177). Acha-se acompanhado da seguinte anotação: "Pertence às Aleluias (p. 103); e traz ali o titulo de Cauchemar". Segue-se o registro das variantes que apparecem em Aleluias; quer dizer — em Aleluias apparecia a palavra lousa; nas Poesias apparece a palavra lousa; em Aleluias havia virgula depois da palavra ideal (no 4.º verso); nas Poesias, não a encontramos; no oitavo verso havia em Aleluias um ponto e virgula, que já não existe nas Poesias. Fiz esses vários registros do que occorria em Aleluias e mantive o soneto — igual, igualzinho ao que se encontra nas Poesias.

Pois vem agora o autor do tal artigo, e a esse propósito me censura com estas palavras: "Neste mesmo soneto, verdadeira obra prima, o titulo foi logo mudado, e a pontuação alterada". Mas o titulo foi mudado por quem? a pontuação foi alterada por quem? — Pelo próprio Raimundo Correia! Na página 88 da 3.ª edição das Poesias apparece o soneto Despedidas. Reproduzi-o tal e qual o encontrarei (vol. I, p. 127) inclusive com o seu penúltimo verso — Tu, formosa Leonor, nada dissesse. Trata-se, porém, de um soneto que fora antes publicado nos Versos e Versões, e ali esse nome de mulher não é ainda Leonor, porém Beatriz. Fiz o registro dessa variante. E vem o incrível comentador e quer fazer crer que a emenda seja minha!

O soneto Fascinação. — Occorre a página 89 da 3.ª edição das Poesias, e seu oitavo verso é ali assim: "Se vai em torno o circulo ampliando". Reproduzi-o, nas Poesias Completas, vol. I, p. 131, sem a alteração de uma virgula (como pode verificar qualquer leitor). E puz no pé da página uma nota referente à variante que ocorre em Versos e Versões, na primeira forma do soneto — Vai o circulo em torno se ampliando. Surge o critico e me censura por essa emenda: quer dizer, censurá-me pela emenda de Raimundo, emenda que vem desde a primeira edição das Poesias, desde a edição de 1898!

Senho Tutor! Acha-se na página 38 da edição das Poesias; mas pertence antes às Aleluias (p. 151). Reproduzi-o nas Poesias Completas exatamente como o

encontrei nas Poesias. A propósito do seu sexagésimo quinto verso — que é assim nas Poesias: Que em duas lisas pernas como em duas — fiz a anotação da variante de Aleluias em que o verso apparece assim: Que, em duas grossas pernas, como em duas. Pois o articulista azedamente corre para mim, e me vem attribuir o texto autêntico de Raimundo, tal como se existisse nas Poesias o vocabulo grossas e eu o houvesse alterado para lisas!

Chega a ser monstruoso. Dou esses exemplos aos leitores, porque foram os únicos de que o articulista usou. Verifiquem, por favor, de accordo com as informações das páginas que dei, se tudo o que acabo de dizer não está absolutamente exato.

#### NO REINO DE RUBIAO

Mas se, por um lado, isso é monstruoso, por outro lado não deixa de ser divertido. Sim, é imensamente divertido defrontarmos com esse homem estranhissimo que articula com o que não existe, que discute com o que não existe, que é capaz de encher uma columna inteira do "Jornal do Comércio" com o que não existe.

E' verdade, meu excellento Rubião, trazidos por esse guia pitoresco nós percorramos no recesso do teu reino... O leitor certamente se recorda dos capitulos finis do Quincas Borba. — Demente e febril. Rubião chepara à casa de sua comadre e fora por ella carinhosamente acolhido. E, na exaltação do seu delirio, poz-se a imaginar coisas assombrosas... Capturara o rei da Prussia e não sabia se havia de mandar fuzillá-lo ou não... O imperador agora era éle... Passaram-se uns dias e o desgredado amigo de Quincas Borba entrou em agonia. Antes que esta principiasse, porém, éle fez questão de colocar em sua cabeça a sua corôa... "Uma corôa que não era, ao menos um chapéu velho ou uma bacina, onde os espectadores pulpassem a illusão. Não, senhor: éle pegou em nada, levantou nada e cingiu nada; só éle via a insignia imperial, rutila de brilhantes e outras pedras preciosas..."

Eis-nos aqui diante de uma alucinação da mesma ordem. Deixemos esse amavel Rubião coroar-se com sua corôa de nada, deixemo-lo conceber um alenteado artigo com o nada, deixemo-lo encher a sua espiçada columna jornalística com o nada...

#### OS GRANDES POETAS E A POSTERIDADE

Censura-me o autor do artigo em questão o haver dado ao publico em um volume os trabalhos que Raimundo Correia não introduziu na coletânea das Poesias. Diz éle que Raimundo Correia relegou ao limbo, como anátemas, argamassas, impurezas ou escurias, tudo aquilo que não quis introduzir no volume que organizou em 1898. Nada entendo de limbos, nem de argamassas e nem

de escurias, mas confesso que nunca vi nenhuma declaração de Raimundo, segundo a qual devesse ficar condensado o acervo de sua produção poética não incluída no volume de 1898, segundo a qual só devesse ser aceita pela sua posteridade a matéria que éle escolheu para aquêlle volume. Ao contrario, na sua nota redigida para a 1.ª edição das Poesias o que encontramos é um tom de torru-ra, quase direi de enoção, para o restante de sua obra — grande parte da qual éle naturalmente não pôde introduzir no volume, porque se achava preso às condições de um contrato editorial, o qual lhe impunha um determinado numero de páginas, um determinado numero de trabalhos.

Em suma, o que Raimundo Correia fez foi, nem mais nem menos, o que, em 1933, já tendo toda a sua vasta e formosa obra publicada, fez Alberto de Oliveira: foi o que fez Olegario Mariano, o que fez Manoel Bandeira, o que fez Ademar Tavares, o que fez Guilherme de Almeida — poetas que, sem de maneira nenhuma relegar ou condenar o restante dos seus trabalhos, organizaram e publicaram os volumes de suas poesias escolhidas.

Pondo de lado este sapateio, o problema pode apresentar-se de outra forma ao espirito de um critico. E' não de formular-se assim — tem a posteridade o dever de respeitar a determinação de um poeta, do um artista literario, quando este, depois de ter publicado uma longa obra, resolve apresentar essa obra apenas em uma parte fragmentaria? A meu ver, a posteridade não tem essa obrigação, e isso principalmente quando se trata de um grande artista, de alguem que se constituiu um autêntico patrimonio espirital do seu povo. Todo estudante de literatura sabe que antes de morrer, Virgilio determinou que fosse lida a sua obra, e se os amigos do poeta não fossem respeitadas essa determinação, o povo romano teria perdido a sua grande epopéia, a humanidade teria deixado de possuir uma das suas obras supremas. Sabem os estudiosos de nossa literatura que João Francisco Lisboa também determinou fosse lida a sua obra, e se os amigos do poeta não fossem respeitadas essa determinação, o povo brasileiro teria perdido a sua grande epopéia, a humanidade teria deixado de possuir uma das suas obras supremas. Sabem os estudiosos de nossa literatura que João Francisco Lisboa também determinou fosse lida a sua obra, e se os amigos do poeta não fossem respeitadas essa determinação, o povo brasileiro teria perdido a sua grande epopéia, a humanidade teria deixado de possuir uma das suas obras supremas. Sabem os estudiosos de nossa literatura que João Francisco Lisboa também determinou fosse lida a sua obra, e se os amigos do poeta não fossem respeitadas essa determinação, o povo brasileiro teria perdido a sua grande epopéia, a humanidade teria deixado de possuir uma das suas obras supremas.

Em toda a parte vemos o zelo dos herdeiros, dos admiradores, dos continuadores dos poetas, procurando defender o patrimonio que essas poetas deixaram, procurando salvá-lo das injurias do tempo, das ameaças do sombrio esquecimento. Antonio Henriques Lenz salvou tudo o que pôde salvar de Gonçalves Dias; Silvio Romero salvou tudo o que pôde de Tobias Barreto; Afrânio Peixoto, tudo o que pôde de Castro Alves; Neeter Victor, tudo o que pôde de Cruz e Souza; João Alphonso e Manoel Bandeira, tudo o que pôde

(1) — "Jornal do Comércio" de 20 de março de 1949.



# A VIDA DOS LIVROS

## RAIMUNDO CORREIA

RESPOSTA A UMA CRÍTICA A PROPOSITO DA MINHA EDIÇÃO DAS POESIAS COMPLETAS DESTE POETA

ram de Alphonse de Guimard; Olyoio de Castro tudo o que pôde de Alberto de Oliveira. Fora da literatura brasileira (que nesse terreno é precária, como em tudo o mais) os exemplos da mesma ordem de coisas são numerosíssimos. Que deixou o alemão que se perdesse do seu Goethe? Que deixou o inglês que se perdesse do seu Keats ou do seu Shelley? Que deixou o francês que se dispersasse do seu Chateaubriand, do seu Lamartine, do seu Victor Hugo? Que deixou o português que se não reconhecesse do seu Camões, do seu Eça de Queiroz, do seu Fernando Pessoa?

Por que então só a Raimundo Correia haveríamos de recusar essa no fundo tão pequenina homenagem — a de recolher em um modesto volume os seus trabalhos perdidos, ainda os mais insignificantes? Acresce que Raimundo Correia é, realmente, um grande poeta, acresce que uma simples brincadeirinha sua, uma quadra trocadilheira escrita no correr de uma conversa de redação, encerra mais poesia e tem muito mais brilho do que um volume inteiro redigido por qualquer veejador submediocre, desses que larvavam no subúrbio literário.

### A QUESTÃO DAS OBRAS COMPLETAS DOS POETAS

Resta um outro aspecto a examinar neste problema: é saber se há conveniência em que sejam publicadas as obras integrais dos grandes poetas. Quando os herdeiros de Luiz Delfino se dispuseram a apresentar em numerosos volumes toda a imensa produção do seu chefe, viram-se cercados de censuras por estarem a publicar demais. Foi um dos que os censuraram por tal motivo. Mas aquela publicação era, realmente, tão baldio, era feita sem o necessário critério de seleção. De sorte que um grande autor como o cantor das Três Irmãs, ficava perdido dentro de uma verdadeira selva selvagem de sonetos, muitos deles escritos de improviso, sem o necessário apuro, e por isso muito abaixo do real mérito da qual mestre da nossa poesia.

Mas, ainda aí, o que havia era uma simples questão de método. Os herdeiros de Luiz Delfino tinham o direito de acabar publicando a obra integral do poeta. Deveriam, porém, introdutoriamente, ter feito uma seleção de alguns trabalhos dele — uns cento e cinquenta, uns duzentos sonetos, dos mais belos e perfeitos. Com essa seleção teriam dado uma esplêndida síntese belamente representativa da obra do fulgidíssimo poeta. Depois, então, o título, por assim dizer documental, poderiam ter dado o resto dela.

Ora, por uma feliz determinação do acaso, foi isso, nem mais nem menos, o que aconteceu com Raimundo Correia. O volume das Poesias, por ele próprio organizado, (que é o primeiro volume, na minha edição das Poesias Completas), ficou sendo a parte de estesia mais caprichosa e mais apurada da sua obra;

o segundo volume ficou valendo mais como um volume documental (sem excluir-lhe, é claro, o valor de arte, pois nada do que Raimundo Correia produziu é insignificante).

Assim, na edição das Poesias Completas, no plano em que as organizei, o primeiro volume é destinado ao leitor comum; o segundo, é antes endereçado ao crítico, ao estudioso, ao erudito.

### A EDIÇÃO DE MARIO DE ALENCAR

Quando à alegação de que Mario de Alencar, ao ter de reeditar as Poesias de Raimundo Correia, se limitou a reimprimir o volume das Poesias — é isso alguma coisa espantosa, digna do nosso velho amigo Calino.

— Pois o que era que Mario de Alencar estava reeditando?

— O volume das Poesias. Pois então, meu doce professor de surinologia, haveria ele de editar alguma outra coisa?

Sempre direi, entretanto, que tomar um indivíduo de uma estante um volume das Poesias de Raimundo Correia, escrever para ele duas páginas como nota, e mandá-lo para uma tipografia, afim de ser-lhe dado uma reedição — é coisa infinitamente mais cômoda do que meter-se outro indivíduo durante anos a fio nas salas da Biblioteca Nacional, estudando coleções de velhos jornais e de velhas revistas, para conseguir reconstituir por assim dizer, dia a dia, em uma vasta escavação crítica, a integral obra do poeta.

### FIDELIDADE DA EDIÇÃO DAS "POESIAS COMPLETAS"

Foi isso, em duas palavras, o que procurei fazer para Raimundo Correia: uma edição crítica de toda a sua obra.

Respeitei, com absoluto escrupulo, tudo o que o poeta escreveu, e desafio o autor da diatribe publicada no dia 20, ou qualquer outro leitor da minha edição, a apontar uma alteração de texto, uma só que seja, introduzida por mim nos trabalhos de Raimundo Correia.

Assim também no que se refere aos sinais de pontuação. Aqui, é claro, há algumas coisas mais a dizer. Cada sinal de pontuação — isso é de aula primária — tem a sua função na escrita; a missão de um revisor é distribuí-los, a esses sinais, de acordo com as necessidades que vai apresentando o texto. Se a Raimundo Correia ou aos seus revisores estúpido colocaram aqui um sinal de interrogação, ali umas aspas, quando um desses símbolos se tornou necessário, eu o introduzi na edição que dirigi. Não o fizesse, não teria cumprido o meu dever de mero revisor.

Quando ao segundo volume, nele tive mais frequentemente necessidade de colocar, em alguns versos, alguma crase, algum sinal de pontuação que faltasse. E isso sobretudo em uma de suas partes, nos Primeiros Sonhos, livro dos 17 anos, ainda inexperientes,

do poeta. Toda a vez porém, que me vi na obrigação de adotar um desses sinais, fiz o registro no pé da página, seguindo nisso os melhores modelos, — como entre outros, a edição das Primaveras, de Casimiro de Abreu, feita pelo professor Sousa da Silva.

Outra importante questão é a que se prende aos títulos dos trabalhos de Raimundo Correia. É sabido que na edição das Poesias, como nas livros anteriores do poeta, ocorrem, uma vez ou outra, trabalhos que não trazem título. Na minha edição das Poesias Completas, — edição anotada, repleta de remissões, que a todos os momentos relaciona uma poesia com outra, não seria possível deixar de pôr em cada trabalho um sinal que o identificasse. Daí ter eu adotado um sistema que, em verdade, já usava o de Raimundo Correia — o de dar título e o de dar número a cada produção. Para resolver a dificuldade da escolha do título, recorri a um sistema que me pareceu honesto e simples: puz como título a cada poesia ou a cada soneto que o não tinha a primeira ou as primeiras palavras do texto respectivo. Assim, a oitava inicial do volume das Poesias, que começa Viver! Eu sei que a alma chora, recebeu em minha edição o título de I — Viver! assim, a segunda poesia do livro, que começa Ser moça e bela ser, porque é que lhe não basta, recebeu o título de II — Ser moça e bela.

Alguma vez não me foi preciso recorrer a esse processo da escolha das palavras iniciais para formar o título: bastou-me recorrer à publicação anterior do trabalho. (Continua na página 96)



## Retificação ao numero anterior

Na Antologia de Guilherme de Almeida, que damos em nosso último número, ocorreram dois descuidos, dos quais pedimos desculpas ao leitor. Refer-se um deles ao poema Com a Lua, que foi deslocado para a página 84 e saiu sem declaração de autoria.

O outro refere-se ao poema Esta Vida, que saiu publicado amputado de uma estrofe. Retificamos-lo aqui em sua forma perfeita, tal como o encontramos nos Poemas Escritos, do illustre poeta Paulista.

### ESTA VIDA

Um sábio me dizia: "Esta existência não vale a angústia de viver. A ciência, se fôssemos eternos, num transporte de desespero, inventaria a morte! Uma célula orgânica aparece no infinito do tempo: é vibra, é cresce, e se desdobra, e estala num segundo... Homem, eis o que somos neste mundo!"

Falou-me assim o sábio e eu comecei a ver, dentro da própria morte, o encanto de morrer.

Um monge me dizia: "O mocidade, és relimpago ao pé da eternidade! Pensa: o tempo anda sempre e não repousa. Esta vida não vale grande coisa... Uma mulher que chora, um berço e um canto, O riso, às vezes, quase sempre o pranto... Depois, o mundo, a luta que intimida... Quatro cirios acesos — eis a vida!"

Isto me disse o monge e eu continuei a ver, dentro da própria morte, o encanto de morrer.

Um pobre me dizia: "Para o pobre, a vida é o pão e o mndraço vil que o cobre. Deus?... Eu não creio nessa fantasia! Deus me dá fome e sede cada dia, mas nunca me deu pão nem me deu água... Nunca! Deus-me a vergonha, a infâmia, a mágoa. De andar de porta em porta esfarrapado... Deus-me esta vida: um pão envenenado!"

Disse-me isto o mendigo, e eu continuei a ver dentro da própria morte, o encanto de morrer.

Uma mulher me disse: "Vem comigo! Fecha os olhos e sonha, meu amigo! Sonha um lar, uma doce companheira que queiras muito e que também te queira... Um telhado, um penacho de fumos, cortinas muito brancas na vidraça, Um canário que canta na gaiola... — Que linda a vida lá por dentro dela!"

Pela primeira vez eu comecei a ver dentro da própria vida o encanto de viver!

## AUTORES E LIVROS

Propriedade de MUCIO CARNEIRO LEAO

### ASSINATURAS

Assinatura anual com registro .....	C\$	60,00
<b>FASCÍCULOS AVULSOS:</b>		
Dois volumes da 1ª fase (I a VIII) .....	C\$	60,00
para os assinantes .....	C\$	60,00
Do volume IX .....	C\$	5,00
para os assinantes .....	C\$	3,00
Do volume X .....	C\$	3,00
para os assinantes .....	C\$	2,00
Brochura do volume IX .....	C\$	100,00
para os assinantes .....	C\$	80,00

### Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7-12.º and. — 37-9527

RIO DE JANEIRO, BRASIL

Distribuidor para todo o Brasil: Leônidas Espinosa  
Praça Marechal Floriano, 55 - 2.º andar. Fone: 42-5625  
Impresso nas oficinas da Editora Nova Ltda.

### Assinaturas e números atrasados

As assinaturas podem ser tomadas nos seguintes pontos (além da redação):

- Avenida Almirante Barroso n.º 72, 13.º andar — Fone: 22-8861, ramal 9. Tratar com o Sr. João Pimenta Neto.
- Av. Rio Branco, 4-16.º andar — Fone: 23-1931. Tratar com Eurico Cardoso.
- Faculdade Nacional de Filosofia — 4.º andar. Tratar com Artur Farias.

**NUMEROS ATRASADOS:** — Volume IX em diante — nos dois últimos pontos acima e na redação. Volumes anteriores (primeira fase) — somente na redação.

# PAGINA DOS AUTORES NOVOS

## XXVII -- LETICIA FIGUEIREDO

Leticia de Figueiredo nasceu no Rio de Janeiro, e é filha de Pedro Lourenço Gomes e D. Leticia da Prota Pessoa Lourenço Gomes (ambos cearenses). É casada com o Sr. Haroldo de Figueiredo. Cantora e musicista, tem dado numerosos concertos no Rio e em várias outras cidades brasileiras, bem como na Argentina e no Uruguai.

Tem 45 composições musicais escritas.

O meu Brasil nasceu cantando!  
Cantam  
as suas florestas  
com o chilrar dos passarinhos,  
e do fundo de suas matas  
sobe o tan-tan dos índios  
que cantam  
as suas conquistas.

Cantam  
os morros cheios de sol,  
e cheios de lua,  
onde a cuica  
e o pandeiro,  
o suor  
e as cantigas,  
as mulatas  
e os requebros se confundem.

Os morros cantam  
pela boca dos seus mulatos  
e dos seus negros de pele lina,  
os morros cantam as suas desgraças  
e as suas lides.

Das águas do mar  
que canta,  
sobe um canto mais sonoro!  
As sereias cor de prata  
cantam um canto  
mais canoro!  
Da boca dos pescadores que foram às águas pescar,  
vai saindo uma cantiga  
tão dolente, e tão tristonha,  
que dá vontade na gente de chorar,  
só de chorar!

Nas pedras,  
na areia fina,  
o mar canta mais baixinho...  
segredando... segredando...  
marulhando de mansinho.

O rio Mar,  
o Amazonas,  
com o seu canto magestoso,  
vai cantando,  
e vai banhando toda uma terra de ouro,  
onde o homem do nordeste  
que sua,  
que chora,  
e canta,  
vai cortando o seringaí,  
vai cortando...  
vai cortando...  
e vai cantando também  
este canto  
de saudade  
este canto  
de esperança  
este canto

de tristeza  
de quem foi e que não volta.

E a brisa passa cantando,  
e cantam  
os remos no rio,  
e correm  
as tendas cantando de boca  
em boca  
de boca  
em boca,

até que um dia,  
nas terras de Nazaré  
nasceu Waldemar Henriques,  
que em cada canto  
que canta,  
retrata aquilo que é seu,  
aquilo que é muito seu.

E a Amazônia gloriosa  
que se acorda em seus cantares...  
e o prelo canta  
que canta,  
no afan louco de imprimir  
a música pura e bela  
que faz soluçar e rir.

E canta o músico...  
E soluçam as violas...  
e as estrelas espilam quietas,  
cá pr'a baixo,  
escutando aquele canto forte,  
que sobe da terra forte,  
da terra que dá borraça,  
que dá ouro,  
muito ouro!

que exige vidas  
muitas vidas!  
escutando aquele canto forte da terra  
que tem  
rios caudalosos,  
da terra  
que cheira  
tão forte e bem,  
porque frutos sazonados  
se penduram das galhadas,  
porque raízes cheirosas  
se insinuam no seu ventre,  
porque flores se debruçam  
delicadas, perfumosas,  
das mais várias trepadeiras,  
porque nos lagos há flores,  
há flores por toda parte!  
na terra quente  
no rio forte,  
na terra virgem  
no rio Mar!

"Eh! meu boi!..."

Que canto tão doce e belo!

Lá vai a carreta!  
se arrastando...  
se arrastando...  
recortada no horizonte!

"Eh! meu boi!..."  
Ainda é o Brasil que canta no pampa...  
no pampa imenso!

O vento passa cantando,  
vergastando...  
vergastando...  
e de povo em povoado,  
a carreta vai rodando,  
e cantando,  
vai cantando  
a tristeza do seu fado:  
não descansa...  
não descansa...  
na grande intranquilidade  
de partir  
e de chegar.

Tangida por boladinhos,  
nas noites frias,  
geladas!

a gaita canta  
que canta,  
embalando o povoado,  
e faz frio...  
e faz luar!

Ah, crepita a fogueira,  
preparando a churrascada,  
e o espeto  
gira  
que gira,  
assando a vaca malhada.  
E o frio corta  
que corta!  
E o povo dança  
que dança!  
E a gaita toca  
que toca!  
e o boi anda...  
e o boi anda...  
sob o luar frio,  
na terra fria  
no pampa imenso!

O gaúcho, no seu pago,  
sabe muito bem cantar  
as belezas da chinoca,  
o gosto do chimarrão,  
sabe também replicar  
um sonoro violão!

E a música da terra  
sobe!  
E todo mundo a cantar,  
dança alegre a chimarrita  
na poeira do luar,  
embora rijo e cortante  
vá soprando o miniano,  
no seu bisonho cantar,  
no seu bisonho cantar.

E o frio corta  
que corta!  
E o povo dança  
que dança!  
E a gaita toca  
que toca!  
E o boi anda...  
E o boi anda...  
sob o luar frio!...  
na terra fria!...  
no pampa imenso!

Agora, é a chuva  
que canta  
depois da seca escaldante!

O tabaréu vê a chuva  
e se ri  
como criança!  
e molha os lábios rachados  
nessa chuva abençoada,  
pensa logo na colheita  
que não está muito distante,  
porque,  
nas terras da seca,  
nestas terras do nordeste,  
quando Deus nos manda chuva,  
tudo  
fica verdejante!  
tudo  
brota  
tudo  
vive!  
toda mulher fica prenha!  
toda vaca dá bezerro!  
e os cabras  
comem farinha,  
farinha de mandioca!  
e pr'a fazer digestão  
empunham logo a viola  
e vão cantando a modinha:  
"O luar do meu sertão."

Depois...  
Vem a versalhada feita de improvisação,  
e cada qual que se esmero,  
num desafio  
medonho!  
pr'a levar do outro a palma,  
e pr'a poder conquistar da Francisca o coração.

E os coqueiros cantam  
embalados pela brisa!  
E o mar canta  
encrespado pela brisa!  
E as cabrochas molengas se estendem na rede do tucum.  
E as noites cantam  
as canções esquecidas pelo tempo,  
e as crianças de barriga grande  
ouvem o canto da noite,  
e aprendem a cantar e a desafiar:  
desafiam o sol!  
a terra quente!  
a seca ardente!  
a falta de chuva!  
a falta de tudo!

E os mentirosos esperam a chuva  
à sombra do Joazeiro,  
dessa sombra feitiçeira  
que resiste ao sol também!

E muito cedo,  
as meninas  
vão tocando seus bordados,  
caprichosos...  
delicados...  
em linho, ou mesmo em algodão,  
a despeito do calor,  
e do pouco que lhes dão.

E os bítros cantam sonoros  
nas mãos hábeis das rendeiras,  
e rendas maravilhosas!  
são trocadas por muito pouco dinheiro.  
Mas, pra comprar a farinha,  
a chita,  
e a cuia de pau,  
pra cantar a noite toda,  
e pra poder ter sossego...  
pra que dinheiro  
afinal?

"Comer é o  
pimenta, gô  
Yá-Yá me coma  
sou quimbôô  
cobrei sustância  
com mocotô!  
Yá-Yá me diga  
nessa comida  
você botou  
mulata em pó?  
Yá-Yá me coma  
sou quimbôô!"  
Jorge de Lima, o dono desse vertice,  
pintou, com vivas cores,  
a Bahia!  
A Bahia que dizem "côr de sol!"  
que tem a balaninha alegre  
e feitiçeira,  
os braceletes de ouro,  
os colares de miangas...  
miangas...

O petróleo  
que jorra sem proveito,  
O frevo,  
— o frevo doido,  
que balança os peitos,  
que desloca os membros,  
que cheira a suor e a sexo...  
que nasceu que foi  
em Pernambuco,  
atinge o seu climax na Bahia,  
na terra do Salvador!

E a Bahia  
canta nas suas igrejas de ouro!  
E a Bahia  
canta no ritmo irregular de suas vielas!  
E canta!



# PAGINA DOS AUTORES NOVOS

## XXVII -- LETICIA FIGUEIREDO

na praia de Amaralina  
as mais belas canções de amor!  
E cantas!  
nas festas do Bonfim,  
onde a praça enfrente à Igreja  
fica cheia.

cheia de gente do mato  
que sempre plantou cacau,  
e agora vendeu  
todinho!  
pr'a gastar na capital!  
Onde a praça fica cheia  
de gente que vem de longe!...  
para a festa conhecer,  
e que logo se enamora,  
por tudo...

tudo que vê!  
Onde a praça fica cheia  
de moinhas casadoras,  
de vendalindas balanas  
de pano da costa  
e tudo!

com moinhas decotadas,  
e grandes salas;  
que fazem de um fr-fr especial  
de pano, bem engomado!

Onde a praça fica cheia  
de gente boa da terra,  
e de gente má  
também,  
de moças encimbradas,  
e dos que não têm  
sintém!

Tudo isso, na praçinha!  
comê, bôlo,  
rapicão,  
muquês, quente e gostoso  
com azeite de dendê.

"A Bahia é cor de sol!  
Foi lá que nasceu o Brasil!"

Poi na que nasceu o Brasil  
Cantado  
por Castro Alves,  
que em seus versos condenou,  
sem terror,  
o escravidão!

"Senhor Deus dos desgraçados!  
Dizei-me vós, Senhor Deus!  
Se é mentira... se é verdade  
Tanto horror perante os céus!  
O mar, porque não apagas  
C'ô a empenja de tuas vagas  
De teu manto este borrão?...  
Astros! noite! tempestades!  
Raios das imensidades!  
Varra os mares, tufão!

Quem são estes desgraçados  
Que não encontram em vós.  
Mala que o rir calmo da turba  
Que excita a fúria do alga?  
Quem são? Se a estrela se cala,  
Se a vaga à pressa renvala  
Como um cúmplice fugaz,  
Perante a noite confusa...  
Dize-o tu, severa musa,  
Musa libérrima, audaz!"

"A Bahia é cor de sol!  
Foi lá que nasceu o Brasil!"

Ascenço Ferreira  
é o poeta  
das terras de Pernambuco.  
Só ele  
conhece o som verdadeiro das usinas.  
Só ele  
conhece o canto do belo canavial.  
Só ele  
conhece o negro,  
que ficou livre, afinal!  
mas se queixa...  
mas se queixa...  
naquele canto dolente de uma raça  
sofredora!

Ascenço Ferreira  
é o poeta  
das terras de Pernambuco!  
Só ele  
conhece a dança  
dançada pelos escravos  
nas noites negras do engenho,  
onde o chicote estalava,  
onde as negras se obrigavam  
a desprezar seu pretinho,  
pr'a dar leite e acalantar  
o filho da Sinhazinha.

E o poeta  
canta a terra!  
— porque a ama com ternura.  
E o poeta  
canta a terra!  
— porque chora com os mocambos.  
E o poeta  
canta as pontes.  
E o poeta  
e os pontilhões do Recife...  
os coqueiros elegantes  
que vestem as praias agrestes...  
e o Povo!  
o seu Povo!  
— Um povo trabalhador,  
que desafia a fadiga,  
e controla,

com fé  
e amor!

Nas ricas terras de Minas  
e também nas de São Paulo,  
o meu Brasil vai cantando.

No solo roxo,  
fecundo,  
tão cheio de seiva boa  
que o cafezal se debruça,  
pesado de doce grão,  
passa o roceiro  
cantando  
sua singela canção.

E pela Semana Santa,  
na cidade de Ouro Preto,  
vai-se à missa  
todo dia.  
Cantam Filhas de Maria,  
A cidade  
fica cheia de gente  
e comedoria.  
E se não cuidam as crianças,  
tôdas  
têm indigestão.

E o meu Brasil vai cantando  
nos subúrbios da Central,  
quando o trem "apita o apito"  
e o grande Manoel Bandeira  
descreve aquilo que vê  
e também...  
o que não vê.

Luiz Peixoto,  
encantado com as morenas  
suburbanas,  
moças simples e prendadas  
que só desejam  
casar...  
conta também nos seus versos  
dos subúrbios o passar.

E o meu Brasil vai cantando  
lá nas terras do garimpo,  
— nas margens do rio Doce  
e nas terras de Goiás.  
E vai cantando  
nos versos do Poeta Rau, Bopp.  
Também Osvaldo de Sousa  
canta os "côcos" do Brasil  
contado por Vargas Neto,  
que canta as coisas do "pago".  
E o meu Brasil  
vai cantando...  
Cantando  
vai meu Brasil!

### "SÃO PAULO"

COMPANHIA NACIONAL  
DE SEGUROS DE VIDA

Somaval no Rio de Janeiro — AV. RIO BRANCO, 173, 18.º

DIRETORES

Dr. José Maria Whitaker  
Dr. Erasmo Teixeira de Assunção  
Dr. J. C. de Macedo Soares

### Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco Limitada

Telegrama: COPER — Caixa Postal: 487

Única recebedora e distribuidora do açúcar de produção das  
usinas do Estado pelos centros de consumo do país e do exterior

ARMAZENS PRÓPRIOS PARA RECOLHER: AS  
RUAS DO BRUM N.º 248 E GUARARAPES N.º 112

Capital subscrito ..... Cr\$ 4.966.100,00

integralizado ..... Cr\$ 4.877.200,00

Fundo de Reserva ..... Cr\$ 986.466,70

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL

Escritório no Rio de Janeiro: Rua da Candelária, 9 - s/301

Em São Paulo: — Rua Alvaré Penteado N.º 180 s/589

O ano passado registrou a Cooperativa dos Usineiros de  
Pernambuco uma produção total de 8 milhões de sacas de  
açúcar, a maior safra ainda verificada em qualquer zona  
açucareira do país.

A nova Diretoria da Cooperativa dos Usineiros de Per-  
nambuco está assim constituída:

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO — José Pessoa de  
Queiroz, Presidente; Armando de Queiroz Monteiro, Secretá-  
rio; João Inácio Pessoa de Melo, Tesoureiro; Manuel Caetano  
de Brito, Diretor; Manuel Maroja, Diretor.

CONSELHO FISCAL — Membros efetivos: Júlio Queiroz,  
Leôncio Araújo e Romero Cabral da Costa; Suplentes: José  
Lopes de Siqueira Santos, Afonso Freire e Enock Maranhão.

### JOÃO BRUNO LOBO

Poucos casos serão tão  
dolorosos e pungentes quan-  
to o do professor João Bru-  
no Lobo. Moço, feliz, cria-  
ra ele um lar encantador,  
ao lado de uma poetisa das  
mais suaves que o Brasil  
tem tido, sua esposa, Ada  
Macaggi.

Médico de talento, dedi-  
cou-se à Roentgenterapia.  
In-lhe a vida correndo  
em mar de rosas, quando a  
dengraça lhe bateu às por-  
tas. De maneira súbita e  
estúpida, morreu Ada Ma-  
caggi. Logo depois, mani-  
festou-se, nele, uma radio-  
fermidade, consequência de  
sua atividade.

Tão grave foi desde logo  
o seu mal, que para ele  
(verificaram os especialis-  
tas) não haveria esperança  
de cura no Brasil: esta, se  
a houvesse, só a encontra-  
ria ele nos Estados Unidos.  
Fazendo um esforço her-  
cúleo, e com o auxílio de  
uma verba que lhe conce-  
deu o Governo, logrou ele  
partir. Acha-se agora em  
Chicago, onde já fez treze  
operações.

Estas são notavelmente  
enras, a estado na grande  
República é dispendiosa.  
Novamente se encontra na  
Câmara um projeto, man-  
dando conceder 200 mil cru-  
zeiros ao desafortunado mé-  
dico patriota, para que ele  
prossiga seu tratamento na  
clínica em que se acha in-  
ternado. Será esse crédito  
(Continua na página 96)

### DELIBERAÇÃO

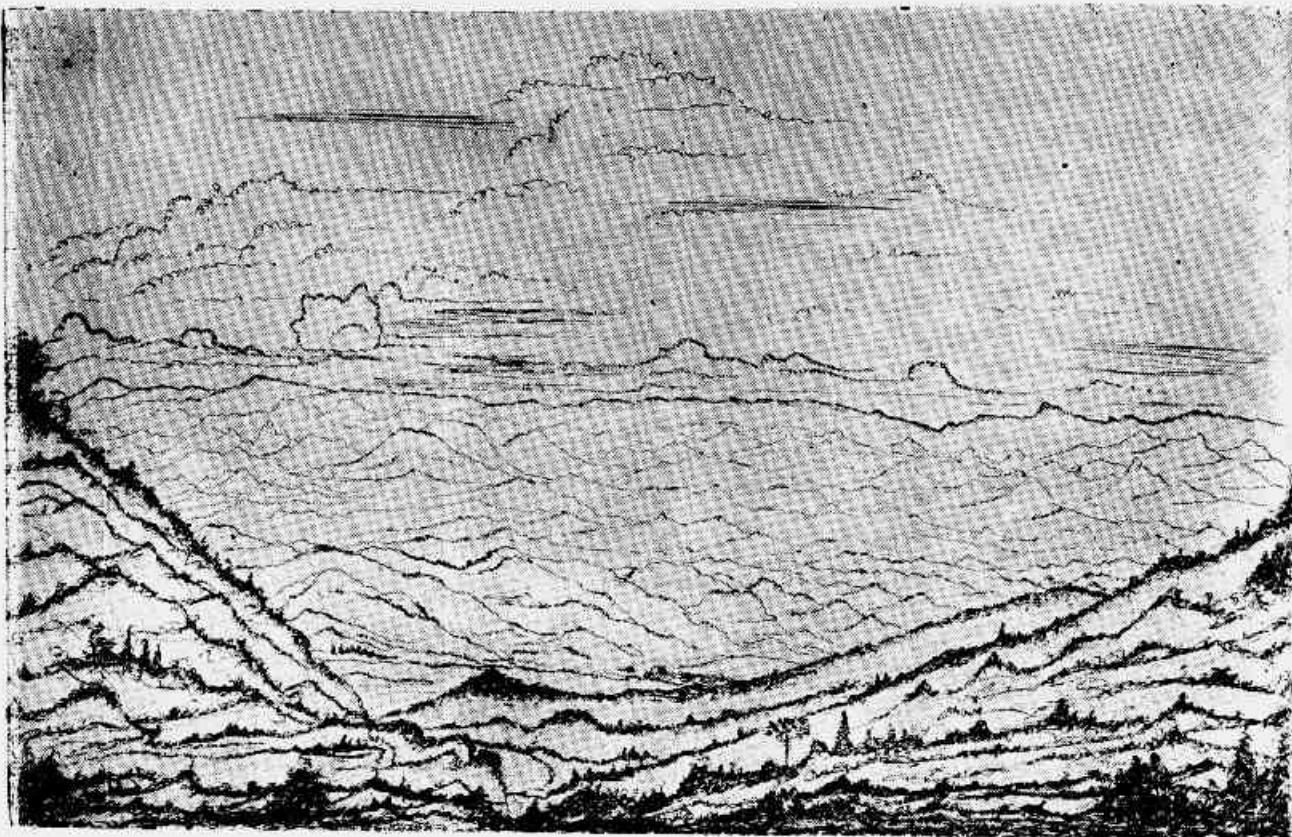
Tendo chegado ao conhe-  
cimento deste governo a ne-  
gligência com que se tem  
havido, no exercício de seu  
emprego, o Bacharel Emi-  
liano Fagundes Varella, não  
participando a esta Presi-  
dência e nem ao Chefe de  
Polícia as novidades ocor-  
ridas no Distrito de sua  
jurisdição, e que pertur-  
baram a tranquilidade e  
segurança dos povos, como  
fosse, além de outros, o hor-  
rível assassinato cometido na  
pessoa do fazendeiro, João  
Evangelista da Silva, não  
procedendo criminalmente  
contra os indicados em tal  
crime, antes retirando-se a  
gozar de uma licença que  
lhe fora concedida pelo  
Governo, e passando a vara  
ao respectivo substituto,  
como tudo consta dos ofi-  
cios do Chefe de Polícia de  
dezenove de Março últi-  
mo; tenho por isso resolvi-  
do suspender do exercício  
de suas funções ao referido  
bacharel para que respon-  
da em juízo competente.

Palácio do Governo da  
Província do Rio de Janeiro,  
em 16 de abril de 1844  
ass. Aureliano de Souza  
e Oliveira Coutinho.

Emiliano Fagundes Va-  
rella — pai do poeta Luiz  
Nicolau Fagundes Varella  
— era Juiz Preparador  
da Comarca de São  
João do Príncipe (hoje  
desaparecida com o nome  
de São João Marcos), ter-  
ra natal de Pereira Pas-  
sos e Ataúlpho de Paiva.



# ALBUM DE GUIGNARD



ALBUM DE GUIGNARD — N.º 13 — Serra do Mar (Itatiaia).

## Noticia sobre Antonio de Sá

(Continuação da página 85)  
livreiro Manoel da Conceição. Nele se reuniram os dez sermões publicados pelo padre, a Oração Fúnebre, em honra da Rainha D. Luíza, e mais cinco sermões que, sem nome do autor, andavam incorporados na 2.ª parte dos Sermões do Bispo de Martirio, D. Frei Cristóvão de Almeida.

— Estante Clássica — vol. XII — Antonio de Sá. — Anotações de J. L. Campos — Janeiro, 1924.

E a publicação de Laudelino Freire. Encerra os Sermões: do Dia de Cinza; da Conceição da Virgem Maria; do Espírito Santo; dos Passos; do Glorioso S. José. Traz numerosas notas filológicas e gramaticas de J. L. de Campos.

ALGUMAS FONTES SOBRE ANTONIO DE SÁ

— Alves, José Luíza — Os claustrais e o púlpito no Brasil.

— Barbosa Machado — Biblioteca Lusitana.

— Barbuda, J. — Literatura Brasileira, p. 121.

— Blake, Sacramento — Dicionário Bibliográfico, vol. 1.º, p. 305.

— Campos, J. L. de — Prefácio e notas na edição da Estante Clássica, vol. XII — Antonio de Sá.

— Carmelo, Antonio — O púlpito no Brasil — Rev. de Língua Portuguesa, n.º 19, p. 127.

— Conceição, Manoel da — Prólogo dos Sermões vários.

— Carvalho, Ronald de — Pequena História da Literatura Brasileira, p. 88.

— Diniz, Almachio — Antologia da língua vernácula, p. 117.

— Freire, Laudelino — Clássicos Brasileiros, p. 39.

— Gama, Chichorro da — Miniaturas biográficas, p. 18.

— Rev. da Língua Portuguesa, n.º 17, p. 143.

— Breve Dicionário de Autores Clássicos, p. 71.

— Gomes, Alfredo — História Literária, no Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil — Introdução, 1.º vol., p. 1318.

— Galvão, Ramiz — O púlpito no Brasil.

— Macedo, Joaquim Manoel de — Ano biográfico, 2.º vol., p. 373.

— Mota, Artur — História da Literatura Brasileira — vol. 1.º — p. 433.

— Pericé (Ed) — Literatura Brasileira, p. 354.

— Pinheiro, Fernandes — Literatura Nacional, p. 260.

— História Literária — 2.º vol., p. 303.

— Romero, Sílvia — História da Literatura Brasileira — 1.º vol., p. 140.

— Romero, Sílvia e João Ribeiro — Compêndio de História da Literatura Brasileira, p. 21.

— Silva, Inocência da — Dicionário, vol. 1.º.

— Silva, Pereira da — Os varões ilustres do Brasil — 2.º vol., p. 316.

— Santos, Lery dos — Pantheon Fluminense, p. 121.

— Veríssimo, José — História da Literatura Brasileira, p. 69.

## JOÃO BRUNO LOBO

(Continuação da página 95)  
votado? Poderá o brilhante cientista brasileiro levar até ao fim seu tratamento?

O Brasil inteiro, pelo menos pelo órgão de suas classes cultas, acompanha, emocionado, o drama de sofrimento profundo que está vivendo o professor João Bruno Lobo.

## UM GRANDE ES- CRITOR ESQUE- CIDO

Na sua monumental "História da Literatura Brasileira", ao tratar de Hipólito da Costa, Sílvia Romero chama a atenção para a atualidade dos escritos do grande jornalista que editou em Londres o "Correio Brasileiro". E lembra que havia ainda naquele tempo (era isso mais ou menos em 1880) grande interesse em que fosse feita uma seleção dos melhores trabalhos de Hipólito, para divulgação deles em uma antologia.

A verdade é que ainda hoje, mais de um século depois da morte de Hipólito da Costa, esse mesmo interesse existe, e é vivo, e palpante.

Quem lê, quem apenas folheie os 29 volumes do "Correio Brasileiro" vai encontrando um espírito rico, luminoso, cheio de idéias próprias e claras. A política, os grandes problemas da indústria, do comércio, das letras e das artes, o rumo diverso das relações de um país com o outro — tudo isso se reflete no radioso espírito do jornalista, que escreve em Londres, que observa e analisa de um dos centros mais civilizados e cultos do Universo.

E, pois, uma tese ainda a retomarmos, nos dias de hoje, a tese de Sílvia Romero, A Academia Brasileira de Letras e o Instituto do Livro são corpos culturais, que têm como campo de atividade o difundir obras como essa. Lembremos as duas ilustres instituições o nome de Hipólito da Costa, agora tão esquecido, mas merecedor de todas as homenagens.

## A VIDA DOS LIVROS

(Continuação da página 93)  
balho, para ir encontrar o título que o próprio Raimundo primitivamente adotara. Assim, por exemplo, aconteceu com o soneto As Pomboas, que na edição das Poesias, só traz o número III, mas que no volume das Sinfonias trazia o título que adotou.

Ainda adotei outro recurso para resolver a questão dos títulos. Toda vez que se tratou de uma poesia traduzida, a qual Raimundo Correia houvesse esquecido de por o título, recorri ao título que a poesia tem no original. Assim, no segundo volume, dei o título de Outra Guitarra no trabalho que aparece em Sinfonias apenas encimado pela dedicação (V. Hugo), mas trabalho que no original francês traz o título de Autre Guitare; assim dei no mesmo volume o título de O mundo e não a poesia que nas Sinfonias aparece apenas com a dedicação (Th. Gautier), mas que nos Emaux et Camées traz o título de Le monde est merchant.

## RAIMUNDO CORREIA E A ACUSAÇÃO DE PLÁGIO

Quando a saber se devemos tratar ou não das acusações de plágio, outra vez assacadas a Raimundo Correia, por críticos malvolsos ou precipitados, isso me parece questão do foro íntimo de cada um. A um médico, por exemplo, a um profissional dos segredos, a alguém que tenha feito o juramento de guardar em sigilo tudo o que sabe dos sofrimentos ou das enfermidades alheias, pode parecer que o melhor é deixar o

assunto de lado, e acreditará que assim, encoberto pelo silêncio, a questão passará a não existir. E, no fundo, a solução daquele gentilíssimo cavalheiro da anedota que, tendo descoberto que a esposa usava para fins ilícitos o sofá de sua sala, mandou retirar da sala o sofá! Mas esse, creio, não pode ser o ponto de vista do crítico, nem o do historiador literário. Criaturas de fria análise, às quais naturalmente repugnam as soluções cómodas mas indeterminadas, que nada esclarecem. Ao historiador, ao crítico literário o que incumbe é o exame claro, isento, honrado, de cada questão que surge. E se ele verificar que um autor acusado de plágio é de fato plagiário, deve denunciá-lo como tal. Mas se ele verificar que uma acusação assim feita é leviana, é falsa, é imprevedente, é injusta (como o era, no caso de Raimundo Correia) deve é declarar essa convicção e apontar, à execração pública os caluniadores frívolos ou de má fé.

Isso é, antes, uma questão da ética individual do escritor.

E o que digo com referência às acusações que se punham ao plágio, digo-o também com referência a qualquer outra acusação que seja leviana, falsa, imprecidente ou injusta.

A verdade é que um caluniador literário merece apenas o que pode merecer qualquer outro caluniador: o desprezo, embora às vezes indulgente e caridoso, dos homens de bem.

(Transcrito do "Jornal do Comércio", de 27 de março findo).